E o povo jura que a cobra de vidro é uma espécie de lagarto que quando se corta em dois, três mil pedaços, facilmente se refaz.

Jornal das Escolas Isoladas

CEMPP CORNAL DE INCES MANULES MANULES MANULES

N.º 5 - Maio de 1977 - Cr\$ 3.00

Lo de Maio

No calendário oficial, o 1.º de Maio é um dia de discursos festas e inaugurações. Para os trabalhadores, no entanto, esta data significa um dia de luta em defesa de seus direitos.

Verbas

A falta de verbas para a universidade foi o motivo imediato da maior mobilização estudantil dos últimos tempos. Mas por que faltam verbas para a educação? Para responder, é preciso entender como funciona a política educacional do governo.

Televisão

A programação pode ser variada - filmes, novelas, seriados, noticias, fantástico. Mas em toda ela há um eixo comum e um mesmo objetivo.

Estágios

Os estudantes chegam atraidos pelo dinheiro que os vai ajudar a sobreviver e pem oportunidade de uma prática profissional. Mas, na verdade, são usados como mão-deobra barata, quase sempre em tarefas que não têm nada a ver com seus cursos.



Dia 5 de maio, São Paulo assistiu à maior manifestação de massa dos últimos tempos, em favor das liberdades democráticas. Mais de 10 mil pessoas, sob os aplausos da população, percorreram em passenta o centro da cidade, exigindo a imediata libertação dos estudantes e sperários presos.

Buscando novos caminhos

COCRA OF WORD

eles se aproximam e colhem uma flor de nosso jardim. E não dizemos nada. isam as flores, latam nosso cão e não dizemos nada Até que um dia o mais frágil deles entra sozinho em nossa casa. ronba-nos a kia e, conhecendo nosso medo.









Cobra de Vidro nasceu com uma proposta: ser um instrumento de união dos alunos das escolas isoladas e, ao mesmo tempo, divulgar acontecimentos e opiniões que reflitam os problemas e as lutas dos estudantes. Propunha ser um canal de participação para os alunos das isoladas. A idéia era de que, ao tomar parte do processo de elaboração do jornal, o estudante teria condições de enriquecer sua visão de mundo e desenvolver sua consciência critica.

Após um ano e meio de existência, editados quatro números, julgamos ser necessária uma avaliação dos resultados até agora alcançados, para que, nela embasados, possamos definir os rumos do jornal daqui para fren-

Comparando-se a situação atual das escolas isoladas com a que existia no 2.0 semestre de 1975, fica evidente o avanço atingido. Se ainda não criamos. hoje, um organismo de união das isoladas do nível de um DCE-livre da USP ou da PUC, já temos, na Comissão das Escolas Isoladas, o embrião de uma futura entidade. Nosso estágio atual de unidade decorre não apenas das mobilizações estudantis do último mês mas também de todo um processo, que levou quase dois anos, de tentativas de formação de uma "coordenadoria das isoladas". Embora sem sucesso, fo-

15 DE NOVEMBRO: QUAL A OPCÃO?



ram elas que criaram as bases para o que temos no momento.

Nesse processo, Cobra de Vidro teve um importante papel, atuando, de forma indireta, para manter em contato permanente várias entidades estudantis que se reuniam em torno do jornal. Com a mudança de situação, achamos importante definir o papel a ser exercido pelo jornal.

Vemos, atualmente, o Cobra de Vidro como um trabalho concreto de união dos estudantes das escolas isoladas. Um jornal que poderá se transformar em órgão das "isoladas" como um todo, ampliando, pouco a pouco, o número das escolas participantes e, conforme as necessidades, sofrendo transformações para melhor cumprir o seu papel. Sua existência, assim, não se contrapõe a um "boletim das isoladas" que venha a surgir, e sim, ao contrário, assume uma função complementar a ele.

Quanto ao conteúdo do jornal, achamos que devemos continuar mantendo três tipos de matérias: assuntos sobre a realidade nacional, assuntos relativos aos estudantes como um todo, e problemas específicos de escolas de São Paulo ou de outros estados que ganhem realce a ponto de transcenderem seus limites locais. Cabe frisar que o Cobra de Vilro também não cumpre o papel de jornal interno, mas sim de uma ponte entre as questões

localizadas e a realidade global.

Por outro lado, consideramos justas as críticas que recebemos em função dos últimos números no sentido de darmos um peso excessivo às matérias de interesse nacional em detrimento dos assuntos estudantis. Em vista dessas críticas já estamos, a partir do presente número, buscando uma reformulação.

Finalmente, a questão que maiores problemas causou ao longo desses quatro números, responsavel inclusive pelo atraso na publicação de algúns deles: como organizar a participação dos alunos e das entiddaes no jornal? Basta olharmos o expediente dos diversos números para constatarmos a rotatividade de entidades que promovem o jornal. O n.o 4 era assinado por 5 entidades, das quais apenas uma continua, ao lado de outras três que participam pela primeira vez.

O motivo principal desta rotatividade, mais do que eventuais divergências, foi a ausência de uma participação real dos alunos dessas escolas na feitura do jornal. Com exceção de um ou dois membros de cada entidade, que fazia parte da equipe de redação (também rotativa), a única relação do Cobra de Vidro com os alunos se dava através da lettura - ou, eventualmente, do auxílio na vendagem.

Colocada a questão, o que fazer para resolvê-la? É uma solução fácil chamar mais gente para participar (como já foi fetto), porém sempre esbarramos em alguns problemas aparente incontornáveis. Primeiro: é muito difícil para um D.A. ou C.A de isoladas, que via de regra já conta com um número insuficiente de elementos, deslocar alguém para fazer parte do jornal, em prejuízo das demais tarefas da entidade. Segundo: em função do próprio mito que envolve o trabalho jornalistico, muitas pessoas não se aproximam considerando-se sem talento ou algo

O problema, portanto, ai está, e precisa ser resolvido. É neste sentido que apresentamos uma proposta de reformulação do processo de feitura do jornal, que pretendemos por em prática a partir do lançamento deste nú-

A idéia é descentralizarmos a escolha e a determinação do conteúdo dos artigos através das diversas escolas, sem deixar de centralizar a redação da maior parte deles por uma equipe fixa, da qual participem alunos de todas as entidades que assinam o jornal. Isto se daria por meio de reuniões abertas dentro das escolas, que tirariam, cada uma, uma proposta de artigos para a pauta, incluindo o posicionamento dos artigos mais polêmicos. Por exemplo, a proposta de uma matéria sobre eleições parlamentares indicaria também qual a posição a ser adotada.

As diversas propostas seriam levadas a uma reunião final de pauta, onde se buscaria um consenso. O jornal, depois de impresso e distribuído, voltaria a ser discutido nas reuniões aber, tas, para ser criticado e, a partir dai, ter início mais um número.

Esta seria uma das atribuições dessa reunião nas escolas. Uma outra, seria o encaminhamento das colaborações. Achamos que os próximos números devem ter uma boa quantidade de colaborações espontâneas dos alunos (contos, desenhos, poemas, artigos, etc.). Estas reuniões ficariam, então, encarregadas de selecioná-las para o Cobra de Vidro. Optamos por esta forma para evitar uma atitude arbitrária por parte da redação, que fatalmente ocorreria caso a seleção fosse feita pela equipe de redatores e, ao mesmo tempo, diante da necessidade de continuar havendo uma seleção. Esta forma propiciará um debate mais fecundo dentro da própria escola, e será também mais um elemento de democratização do jornal. É importante enfatizar, a esse respeito, a necessidade de haver, em todas as escolas, incentivos aos alunos para que enviem colaborações ao jornal.

A proposta que apresentamos não é uma posição fechada. A qualquer momento, ela pode ser questionada e modificada; Por isso, é importante que seja discutidas pelos alunos das várias escolas, participantes ou não do jornal, para que, juntos, possamos construir um Cobra de Vidro cada vez mais atuante e representativo.

Cobra de Vidro é o jornal dos alunos das escolas isoladas. Para sobreviver e cumprir sua função, é indispensável o seu apoio e participação. Divulgue e discuta o Cobra de Vidro.

Expediente:

COBRA DE VIDRO é uma publicação das seguintes entidades: CAAE (Centro Acadêmico de Administração de Empresas) da Fundação Getúlio Vargas

Diretório Academico Casper Libero

Diretório Académico Roberto Simonsen (Economia/FAAP) Diretório Acadêmico Annie Penteado (Administração/FAAP) Correspondência: Av. Nove de Julho, 2029 — São Paulo

Composto e impresso no "Grupo Impressor de S. Paule" Rua dos Italianos, 463 — Tel.: 221-6929

CEDEM 10 12 19 20 21 22 23 11

DROLY BO MARI

"É por isso que estamos aqui, porque queremos mais verbas para a educação, porque queremos ensino público e gratuito para todos, porque queremos que o Estado assuma sua obrigação com relação aos serviços públicos". Num palanque improvisado no Largo de Pinheiros, um estudante lia a "Carta à População" a cinco mil colegas da USP, PUC e de inúmeras outras escolas. Foi o desfecho de uma passeata e o início de um rompimento de uma "ordem" que proibe as manifestações de rua não só aos estudantes mas a todo os setores da população descontentes com o atual estado de coisas.

Os motivos da manifestação foram justos. Quem afirma isso não são apenas os estudantes. Solidariedade e apoio se fizeram presentes no próprio instante da passeata. Motoristas de ônibus os comerciantes do largo, operários, donas de casa que foram consultados emitiram posições favoráveis ao movimento.

Pensando nas razões deste apoio, encontramos algumas respostas. A primeira é que a própria carta à população não se restringia apenas ao aspectos de verbas, mas já ampliava seu horizonte em direção às denúncias das precárias condições de vida e trabalho da maioria da população (atendimento médico, habitação, alimentação, transporte, salários) e à questão que igualmente sufoca todo o povo brasileiro, que é a ausência de Liberdades Democráticas.

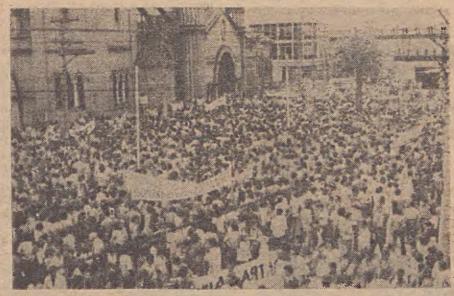
Dentro deste contexto foi tirada numa Assembléia de três mil estudantes a Comsisão Metropolitana, que tem como proposta a aglutinação dos estudantes do grande São Paulo, e como eixo político a Luta pelo Ensino Público e per Liberdades Democráticas.

AS ISOLADAS

Mesmo com a formação da C.M., o que se notava era a participação de poucas escolas isoladas, e mesmo assim de forma desorganizada.

Essas escolas têm uma série de problemas em comum tais co-

"Nas escolas, nas ruas"



mo: precárias condições de ensino, taxas e anuidades extorsivas, e pouca tradição de participar do Movimento Estudantil. Em geral, as entidades representativas dos estudantes (C.As e D.As) são novas e quando levam movimentos de reivindicação dos alunos, sofrem — por parte da direção da escola — arbitrariedades, que vão desde o arrancamento de murais e cartazes até a invasão de suas sedes.

Pensando nossa situação, quatorze entidades estudantis das escolas isoladas e três Comissões de Alunos de outras faculdades se reuniram e criaram a Comissão Aberta dos Estudantes das Escolas Isoladas (C.A.E.I.), e logo outras escolas aderiram.

O primeiro trabalho em conjunto foi a elaboração de um "dossiê", relatando os problemas referentes às condições de ensino, à repressão, às anuidades e à assistência, que afligem a maior parte dessas escolas.

O "dossiê", feito com base nos relatórios internos das escolas (tirados em reuniões abertas com os alunos), será entregue ao Governador do Estado.

A C.A.E.I. se consolida com esse trabalho e com outros que estão por vir. O objetivo dessa União das Isoladas é claro: unir os estudantes, fortalecer suas entidades representativas, apontar para uma organização das isoladas e fortalecer o movimento dos estudantes a nível geral. O QUE VAI PELO BRASIL

Prisão de 16 pessoas em Porto Alegre. Motivo alegado: político. Estudantes, professores, jor nalistas entre os detidos. Para não haver excessão à regra, prisões arbitrárias. Some-se à estas, a invasão da sede do Diretório Central dos Estudantes de Pernambuco (D.C.E. da UFPe), ao inquérito contra os alunos que tomaram o restaurante da Universidade Federal de Minas Gerais, a tentativa em andamento da expulsão de integrantes do D.A. e Representantes Oficiais dos alunos na Cásper Líbero, a detenção de treze pessoas no largo do Arouche no dia da passeata, etc. etc., etc..

Apesar de todas estas medidas cerceadoras (e, quem sabe; por isso mesmo), as intenções intimidatórias não se fizeram vingar. No Rio Grande do Sul os estudantes saíram em passeata (numa das manifestações mais importantes dos últimos anos) exigindo a libertação dos presos e denunciando a todo o país as circunstâncias em que as mesmas ocorreram. Formaram um

Conselho Permanente de Direitos Humanos, convidando ,além dos próprios estudantes e professores, a Igreja, OAB, MDB jovem, sindicatos e outros setores. AS VITORIAS

Embora encarando as vitórias de uma forma crítica, as movimentações implicaram em alguns ganhos importantes. A unidade e organização dos estudantes obrigou a suspensão de aumentos superiores a 35% nas PUCs do Rio, São Paulo e Rio Grande do Sul, e a utilização no primeiro semestre das verbas do segundo na USP São passos tímidos, mas importantes na caminhada que leva ao ensino público e gratuito para todos.

Além disso, outra importante vitória foi a criação do Diretório Central Livre dos Estudantes da PUC-SP. O DCE LIVRE PUC-SP é o segundo criado pelos estudantes no país, e desvinculado da burocracia universitária.

O quadro é parcial, mas indica além da ampliação um ganho qualitativo tanto a nível político quanto nível organizatório. A questão chave é que o movimento apontou durante toda trajetória para uma UNIDADE, para um "deixar de lado" tópicos que dizem respeito as especificidades de cada uma das diferentes visões atuantes no Movimento Estudantil; e a saída em busca de questões que representam na prática os anseios da majoria dos estudantes.

O outro ponto que gerou esse avanço foi que pela primeira vez, nos últimos anos, efetivamente, o M.E. conseguiu informar a população e pedir seu apoio, quebrando o isolamento que muitas vezes nos caracteriza, sempre procurando relacionar nossas reivindicações com as da população, mostrando não serem excludentes.

Pelo contrário, tanto os rumos que procuram impingir à educação quanto os aspectos que geram as precárias condições de vida e trabalho da maioria do povo, fazem parte duma mesma ordem imposta arbitrariamnete à nação.

A força do canhão e a organização independente

Os últimos episódios que afetam a vida política nacional são aparentemente contraditórios. Nossos irmãos do norte de repente se travestem em paladinosmor dos direitos humanos, tão violados em regimes autocráticos como o chileno e o brasileiro, que se ai estão devem isso, em boa parte, à própria ajuda externa antes, durante e depois dos respectivos golpes. O regime militar brasileiro fecha o Congresso e desmascara de uma vez por todas a farsa parlamentar que nos foi imposta com o AI-2. Por outro łado, no dia 30 de março a população paulistana assiste à primeira manifestação de rua realizada no Brasil desde 1969, logo seguida por outra no Rio Grande do Sul.

A chave da questão deve ser

buscada nas alterações que vêm ocorrendo no quadro das forças sociais que apóiam o atual regime. O que se percebe é o estreitamento paulatino dessa base social. Ora, é bastante evidente que qualquer regime necessita de um mínimo de consenso para se manter de forma estável. No entanto, esse consenso praticamente inexiste no país. Sobra. então, a força do canhão. Se é verdade que ela é que resolve as coisas, em última instância, é também verdade que os donos do poder se sentem um pouquinho acanhados de exercê-la de forma descarada. Quem é que iria aplaudir uma represão violenta à passeata estudantil, por exemplo? Se em 1968 toda a burguesia e alguns setores de nossa pequena burguesia aplaudiam a repressão desencadeada sobre os setores populares, isso não acontece mais. É claro que algumas vozes se levantam em defesa do regime, mas poucas. Muito poucas para configurar uma base social.

Os atritos a respeito da via bilidade de manutenção do atual regime sem reformulação de alguns aspectos de sua política vêm causando sérias cisões dentro da classe dominante. Nesse momento, colocam-se duas alternativas que, ainda que apontando na mesma direção, são radicalmente diferentes. A primeira seria apoiar os setores mais descontentes dentro do bloco dominante, limitar as próprias perspectivas àquelas a seu alcance. A segunda — a correta no nosso entender — é a de procurar os

pontos que mais podem unir nas condições atuais, mas indicar também nossas próprias formas de luta e de organização, que só podem ser consequentes desde que mantendo a independência em relação às formas propostas pela classe dominante. Isso não significa que fechemos os olhos à oposição parlamentar. Tal atitu de seria, no mínimo, ingênua. Entretanto, não achamos que essa seja a única nem a mais importante forma de luta a nosso alcance.

Vamos aclarar um pouco o raciocínio: no momento, o MDB fala em lutar por uma Assem bléia Constituinte, mas alguns setores deptro do partido renegam essa posição, por julgá-la muito contestatória. Outros só (Conclui na pág. 4)

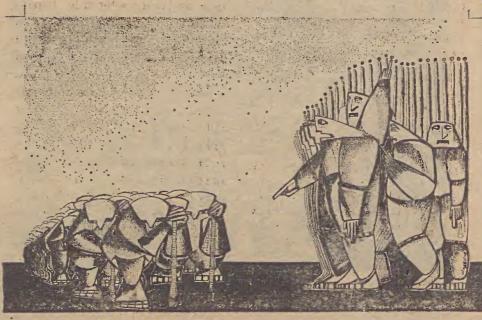
DEU NO JORNAL.

Nosso insigne Secretário de Segurança demonstrou mais uma vez seu apego à manutenção da ordem, paz e tranquilidade da família brasileira. Quando da passeata dos estudantes declarou: "Se for preciso, aperto o coração com a mão direita e baixo o porrete com a esquerda... Não se sabe bem porque, o denodado homem da lei preferiu substituir o porrete pelos canhestros bem-te-vis, que impediram a concentração no Largo do Arouche às custas de um engarrafamento que quase paralisou a cidade.

É triste perceber que a garra demonstrada por Erasmo, no desempenho de suas funções, acaba não sendo acompanhada por seus colaboradores. Um de seus dedo-duros especiais resol. veu colar a credencial de "secreta" no vidro do carro para evitar multas. Outro déles sacou o mesmo documento confidencial no aeroporto, para justificar o fato de querer embarcar com um vistoso revolver na cintura. Suspeitando que seu "corpo especial" já não era tão secreto assim, Erasmo optou pela sua dissolução. É pena; agora nosso corpo repressivo já não pode mais contar com essa centena de prestimosos informantes espalhados por todos os setores de atividade.

Decepcionado com a falta de colaboração, Erasmo ameaçou renunciar. Imediatamente, dezenas de policiais e alguns paisanos esparsos telefonaram para empenhar-lhe apoio, sendo que a maioria era de amigos de cama e mesa do coronel, daqueles que almoçam rim ensopado com batatas no "La Casserolle" ao seu lado. Interrogados, alguns populares que deglutiam seu comercial, entre um e outro turno de serviço, demonstraram, ou total ignroância e desinteresse pelo boato do coronel demissionário, ou então uma grande alegria pelo fato. A que ponto chega a ingratidão do povo...

As reformas políticas, que nos foram outorgadas através de



singular processo democrático, já vão sendo superadas. O ritmo dos acontecimentos é tão avassalador que as emendas constitucionais paridas pelo governo algumas semanas atrás já não dão conta do recado. Fofoqueiros e descontentes — que sempre os há — em evidentes tentativas de ridicularizar os ingentes esforços governamentais, vêm apelidando o pacote de reformetas, só, porque se fala em reformá-las novamente. O que os eternos pessimistas parecem não entender é a dinâmica dos acontecimentos. Se as reformas se tornam obsoletas, isso apenas comprova o imenso dinamismo da vida nacional....

A falta de clareza de nossos parlamentares, ampliada pelo exercício escasso de seus dotes políticos, é ratificada cotidianamente por pronunciamentos exarcebados. Na verdade, o maior medo demonstrado por vários dos discurseiros é sentir que a política lhes é infiel e namora com vários setores e instituições, ao invés de permanecer bem comportadinha dentro do Congresso Nacional. Segundo Teotônio Vilela, se a referida dama sai do Congresso, tem que ir a alguma parte - para clubes, para os gabinetes elitistas da tecnoburocracia, para os sindicatos, para as granjas, as igrejas, os quartéis, os botequins e as esquinas. "E quanto menos ordenadas, em seu sentido clássico, mais distúrbios pode fazer por aí".

Outros, entretanto, mostram-se mais simpáticos ao pacote. É o caso de Mattos Leão, senador da Arena-PR, que já se declarou candidato a senador indireto (ou picareta, como vêm sendo chamados). "É evidente que nós (ele e Accioly Filho) temos prioridade nessa escolha, pois estamos trabalhando para o go-

verno e podemos apresentar uma follia de serviços prestados. E mais: temos o batismo do voto popular e, ao sermos alçados para mais um mandato, o partido estaria referendando a vontade popular expressa em 1970"!!! Mesmo ele, no entanto, tem suas criticazinhas à boa vontade governamental. "O melhor, o ideal, teria sido a eleição indireta de toda a representação no Senado Federal. Evitaria o constrangimento que atingiria o candidato por via indireta, como vem sendo apontado pela imprensa e pelo partido"!!!

Em resposta definitiva aos. mesquinhos pessimistas, que teimam em colocar pedras no caminho pelo qual a nau brasileira avança em distensão lenta e gradual, o timoneiro Geisel citou fatos comprovadores da ditadura da minoria no Congresso. Lembrou que, enquanto o MDB fechou a questão contra a reforma do Judiciário, evitando com isso os possíveis votos favoráveis por parte de seus numerosos adesistas, a Arena agiu com a máxima liberalidade: deixou a questão em aberto. E mais: os parlamentares arenistas estavam tão sequiosos por participarem da festinha que apenas dois faltaram, "um por estar doente e outro por motivos particulares, ou porque não foi encontrado" (por quem?!). Dizeres do Chefe da Nação...

Boca ataca novamente

Para surpresa de alguns, alegria de outros e o pânico dos serviços secretos de Patópolis, a "Boca" rides again.

Assim começa o editorial do 2.0 número da "Boca", revista de história em quadrinhos que nasceu na FAAP e se tornou o embrião de uma cooperativa de artístas gráficos e fotógrafos funcionando em regime absolutamente comunitário e democrático.

"Boca" — 2 tem 100 páginas, com desenhos de 25 artístas, em sua maioria estreantes, mas que já demonstram uma tremenda expressividade e espírito crítico.

Breve, na maioria das entidades estudantis e em alguns outros lugares por aí. E, "quem quiser participar, é só aparecer e ficar à vontade. A Boca continua aberta para quem quiser abrir a boca".

A força do canhão e a organização...

(Continuação da Pg. 3) pensam em levantá-la em termos amplos durante a campanha eleitoral de 78. Só que ninguém garante que haverá eleições em 78. O mais sério, entretanto, é que a maioria de nossos insignes representantes do povo ainda não descobriu que política também se faz à margem do mero interesse parlamentar. Não descobriu, em suma, que é a organização dos setores populares nas ruas, fábricas, escolas e quartéis a única saída para a imensa fra gilidade com que contam atual

Nosso caminho, portanto, deve necessariamente ser outro.
Também lutamos por uma Assembléia Constituinte livremente eleita, mas achamso que essa lum deve começar hoje, com o má-

ximo ardor. Essa seria, inclusive, a única forma de garantir eleições em 78 que dispusessem de um mínimo de legitimidade. Não podemos nos esquecer que uma Assembléia Constituinte eleita a partir de uma campanha submetida a todas as limitações hoje existentes de nada serviria. Seria outra triste farsa.

Infelizmente, o que muita gente não quer ver é que colocar essa questão na ordem do dia significa também lutar pela revogação de todos os atos e leis de exceção e pela anistia ampla e irrestrita a todos os presos e exilados políticos como condição prévia à sua consecução. E essa luta não pode ser travada no âmbito limitado proposto pela maior parte do MDB. Deve, realmente, ganhar as ruas.

LEIA — DIVULGUE A IMPRENSA INDEPENDENTE:

Movimento Nós Mulheres Versus Ovelha Negra Pasquim Fradim

A partir do próximo número, pretendemos reservar algumas páginas para as colaborações dos leitores.

Contos, poemas, desenhos e artigos serão, portanto, bem-vindos.

Envie sua colaboração para o Centro Acadêmico da Fundação Getúlio Vargas - (CAAE - Avenida 9 de Julho, 2029) ou para os D.A.S. da Casper Líbero, Economia e Adminisção da FAAP.

VERBAS

ão somos o último, mas breve chegaremos lá. Brasil, 20.0 lugar na América Latina, em termos de percentual do P.I.B. aplicado à Educação. Se em 1965, quando se destinava à Educação 11.07% do orçamento do país, a verba já se mostrava insuficiente, imagine-se os 5,58% previstos para este ano. Ainda mais levando em consideração que, em 1975 o Ministério da Guerra recebeu — pasmem — 12 bilhões, enquanto que a Educação apenas a metade. Pegando isoladamente o caso da USP, verificamos que as verbas para 77 em nada diferem das de 75. E as consequências já se fazem notar: o Coseas, que em todos os níveis oferecia serviços gratuitos, este ano passa a cobrar. Quanto ao CRUSP, cuja refeição depois de muita luta dos estudantes manteve-se a r\$ 6,00, anuncia-se que este ano não mais haverá jantar e café da manhã, e além disso será administrado por particulares. E os ônibus gratuitos, atendendo aos últimos apelos governamentais de economia de combustíveis, já começam a rarear.

Quanto às outras universidades públicas, a situação não é a mesma. É pior. Cobrança de taxas de atestados e requerimentos escolares, transferência de toda e qualquer assistência médica, transporte e alimentação para particulares, para enumerar as principais. Um caso recente é o da UFMG, cuja verba dada a esses setores foi totalmente cortada. Solução: cobrança de anuidades "simbólicas" dos estudantes. Cumpre frizar, porém, que o simbolismo situa-se na casa dos dois salários-mínimos. E as escolas particulares? Escola de Engenharia Mauá — previsão das mais otimistas — Cr\$ 20.000,00 anuais. As de Medicina, daí para cima. Na área de humanas, onde os gastos com o aluno são bem menores, as anuidades não ousam superar a casa dos r\$ 15.000,00 e se o camarada procurar com afinco é possível que encontre alguma escola em liquidação, oferecendo cursos a preços módicos de r\$ 8.000,00 anuais.

PARA ENTENDER O ENSINO PAGO

A cobrança de taxas diversas pode ser classificada como forma secundária de cobrança do ensino e um passo importante para a criação e reforço do costume da mercantilização da Universidade, facilitando a criação definitiva do ensino pago. De um modo geral, tem-se verificado inicialmente a criação de "taxas simbólicas" que posteriormente sofrem aumentos sucessivos. Nessa categoria encontram-se as taxas de expediente, de revisão de provas, de utilização de bibliotecas

(quando existem), de atestados, etc. Em nome de uma "racionalização de métodos administrativos universitários", de uma "produtividade crescente dos recursos empregados", o governo vem diminuindo ano a ano as verbas destinadas à universidade. Esses cortes de verbas, a partir do crescimento da população estudantil, acentuam problemas típicos de insuficiência financeira: falta de professores e vagas, deficiência de bibliotecas, laboratórios. transportes, etc. Para se ter uma idéia da extensão e gravidade do problema, em 1960 o número de candidatos era de 93.200. Hoje, ultrapassa e muito a casa de ... 1.000.000.

Isto facilita a implantação do ensino pago, por dois motivos: a) a universidade procura resolver ela própria seus problemas. "abrindo-se" à empresa privada, estimulando um "intercâmbio" Universidade-Empresa (prestação de serviços, cursos, utilização de equipamentos, fornecimento de estagiários, a troco de a empresa se responsabilizar por fornecer estágios, convênios, etc., cu de simples pagamento). Ela própria vai se transformando em uma empresa ao buscar sua auto-suficiência econômica, e procura lançar mão das fontes de recurso que dispuser, inclusive o próprio estudante. Assim, as próprias direções das universidades são compelidas a se transformar em agentes de implantação do Ensino Pago, b) as dificuldades decorrentes da falta de verbas, acima citadas, atingindo o estudante em seu dia-a-dia, tornando-o mais propenso a aceitar solucões "fáceis" do tipo "os ricos pagam para ajudar os pobres, beneficiando a Universidade".

As argumentações pró-ensino pago têm variado seguidamente. A atual investida do governo se dá através do Crédito Educativo (estude agora e pague depois). Antes dele diversas fórmulas foram tentadas. Uma delas, baseada em complicados cálculos sobre alíquotas do Imposto de Renda, chegou a ser anunciada oficialmente. Era o tempo do ex-ministro da Educação, Jarbas Passarinho, — mais conhecido nos meios universitários como o "inimigo dos estudantes", - responsável também por pronunciamentos que, na melhor das hipóteses, florearam o nosso folclore político: "A Universidade Brasileira enfrenta grandes problemas decorrentes da falta de verbas. Em um pais em vias de desenvolvimento como o nosso, o governo não pode s edar ao luxo de desviar verbas do esforço desenvolvementista (investimentos em infraestrutura, grandes obras de colonização, etc.) simplesmente para manter uma anacrônica gratui-

dade de ensino. Por que dispensar os recursos que poderíamos recolher daqueles que realmente podem pagar (e eles existem em quantidade: basta observar os pátios de estacionamento das nossas escolas), se podem ser utilizados para financiar os estudos dos mais humildes? Esta seria mesmo uma forma de redistribuição da renda da Universidade, tirando do rico para ajudar o pobre; e ao mesmo tempo, para sanar as dificuldades da Universidade. Assim, os que não podem não precisam temer, pois, para eles, o ensino sempre será gratuito e as bolsas auxiliares continuarão a existir, contandocada vez com maiores recursos".

Quanto à intenção do governo em fazer "justiça social", redistribuindo renda, mesmo que - timidamente - apenas dentro da Universidade, devemos lembrar que, ao mesmo tempo em que o ME manifesta tal desejo, a política econômica do governo desenvolve diversos outros mecanismos altamente concentradores, capazes de neutralizar, com larga margem de sobra, essa desconcentração. Assim, podemos seguramente duvidar das "boas intenções" do governo em redistribuir renda na Universidade, pois, se verdadeiras, porque não redistribuí-las logo por toda a sociedade? Além disso, como veremos adiante, o Ensino Pago nada tem a ver com a desconcentracão de renda ou "democratização de oportunidades, mas exatamente o contrário.

AFINAL, QUEM PAGA PELA EDUCAÇÃO?

Vamos fazer a seguinte pergunta: — Será uma escola gratuita realmente gratuita? Nossa resposta será NÃO. Senão vejamos: Apesar de todos os poderes a sí próprios arrogados pelos nossos governantes, das mirabolantes façanhas realizadas, com a utilização dos atos institucionais e outras medidas de exceção, não se tem notícia que sejam capazes, com o simples bradar de uma palavra mágica, erguer Universidades e vir a mantê-las.

Como, também, os investimentos necessários, de seus bolsos não sairão, de algum lugar hão đe vir. Sem muitas elocubrações, a resposta é simples: impostos pagos pela população. Então o adjetivo gratuito deveria vir na melhor das hipóteses, encravado entre 2 pares de aspas. Mas os detentores do poder acham pouco esses dois pares. Utilizando-se de eufemismos, como o "estudou pagou" dos tempos do Cel. Jarbas Passarinho ou ainda lancando mãos de formas mais moderninhas, indiretas e douradas como o crédito educativo do Sr.



Ney Braga à semelhança das grandes lojas de departamentos, inaugurando com isso o "BRAZI-LIAN WAY OF LIFE no ensino brasileiro.

Percebe-se com isto, claramente a maquiavélica intenção do governo, que é transferir para o estudante e sua família os custos da educação.

O PORQUE DO ENSINO PAGO

Esta questão só pode ser entendida se colocada às exigências do desenvolvimento capitalista: a manutenção do poder por uma classe cada vez mais restrita (encastelamento das elites dirigentes), em contraposição com o afastamento progressivo da maior massa universitária deste núcleo de decisões, no propósito evidente de adequar a Universidade às exigências do mercado de trabalho, e não o contrário como seria ideal, vem em detrimento da qualidade de ensino, na busca irrefreável de uma quantidade irreal e enganosa de mão-de-obra qualificada.

Isto já vem ocorrendo, não só através da tecnicização progressiva do ensino, como pelo esquecimento a que se vêem relegadas as ciências sociais, num lamentável abandono das tradições da cultura brasileira, no afã de perseguir o Governo Brasileiro modelos de ensino alienígenas, totalmente desvinculados da realidade brasileira, vinculando-se aqueles maiores desígnios da estrutura universitária aos interesses estreitos de uma contingência econômica viciosa e transitória, com total desrespeito às necessidades humanísticas de quem aspira a uma educação

Este artigo foi elaborado com base no jornal "Gol a Gol se Pega com • Pé e Dribla" do DCE da Universidade Federal de Minas Gerals.

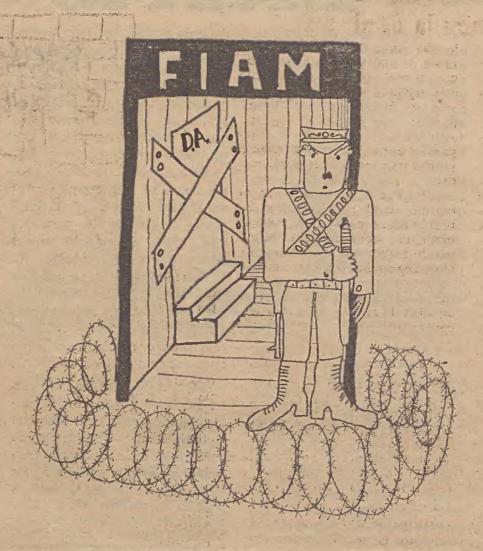
AQUI TODOS OS PROBLEMAS

O Luto de Direito

No dia 2 de abril, o Largo São Francisco amanheceu com um aspecto diferente. Uma tarja negra, imensa, decorava a estátua da Justiça, existente no largo. Essa foi a forma que os estudantes de Direito encontraram para protestar contra o fechamento do Congresso e as reforformas políticas. Além disso, os estudantes usaram, a semana inteira, uma fita negra em seus braços. Enviaram também uma carta ao general Golbery do Couto e Silva, onde se manifestaram contra "qualquer tentativa de se ferir as já precárias instituições democráticas do Brasil"

E no seu "Jornal do XI" confirmam esse protesto, afirmando: "Somente quando cessarem as violações aos direitos humanos, quando o instituto do "habeas corpus" for restabelecido na sua totalidade, quando se despojar a Constituição Brasileira dos atos institucionais que a negam e a descaracterizam, enfim, somente com o restabelecimento da legalidade democrática é que estarão asseguradas as condições necessárias ao pleno desenvolvimento do Direito."

Mas o protesto dos acadêmicos de Direito contra as chama-



Faculdade ou presídio?

Quem vai até o prédio da FIAM (raculdades Integradas Alcântara Machado) pela primeira vez, dificilmente percebe que está diante de uma faculdade. Cercada por altos muros, a FIAM tem um guarda na porta, que não permite a entrada de ninguém que não seja aluno.

A finalidade desta medida talvez seja a de impedir que se divulgue o ambiente repressivo e as péssimas condições de ensino a que estão submetidos os alunos. Mas, apesar de tudo, também na FIAM os estudantes vão abandonando seu conformismo, como comprova a carta enviada à imprensa, que a seguir publicamos:

"Desde o ano de 1975 os alunos da FIAM não dispõem de um órgão representativo dentro da Faculdade, e o diretor, sr. Oswaldo Accursi, afirma que não permitirá a criação de um Diretório Acadêmico.

Em 1976, a direção criou um Centro Cultural destinado a promover atividades culturais e esportivas. Os alunos que participaram deste Centro encontraram, no entanto, toda sorte de obstáculos para a concretização das atividades culturais que propunham, pois a autorização final para a realização das mesmas deveria partir da direção da escola.

Como os alunos que participavam do Centro Cultural não haviam sido eleitos pelo corpo docente da Faculdade, mas apenas pelos próprios candidatos a participantes do mesmo, não tinham força para fazer valer suas opiniões contra as da direção. Resolveram, portanto, renunciar à sua participação no Centro Cultural e reivindicar a criação de um órgão representativo dos estudantes, a que, como dissemos, se nega a direção.

Este problema é agravado por outros, que enumeramos a seguir, e que refletem o caráter arbitrário com que são tomadas as decisões pela diretoria da FIAM.

1. Ao voltarmos às aulas no começo deste ano, fomos surpreendidos com a notícia de que cinco professores, reputados como os melhores da escola, tinham sido demitidos sem justificativa. Não foram dadas explicações aos alunos. Em lugar dos professores demitidos, todos gozando de grande estima e respeito por parte dos alunos, foram contratadas profesores cujo nível é bastante discutível.

2. Aos alunos não é permitida a entrada no prédio da Faculdade sem a apresentação a um porteiro de uma carteira de identificação e senha financeira referente ao mês. O atraso de

pagamento acarreta multa de 10%, além da impossibilida: apresentação da senha, e, politicato, da entrada na escola. O diretor invoca como desculpa para a exigência da apresentação da carteira de identificação a necessidade de que não entrem estranhos na classe, que ficaria superlotada. No entanto, observa-se que as classes já estão superlotadas, impedindo que os alunos desenvolvam qualquer trabalho de reflexão, leitura, discussão de textos, seminários, e mesmo aulas expositivas, já que os professores nem sempre podem ser ouvidos.

3. Os alunos do curso de Jornalismo, especificamente, so-frem outro problema: não dispõem de um mural de notícias, já que a direção não permite a existência de um.

Todos estes problemas são agravados quando se percebe que os alunos não têm um meio de encaminhar suas reivindicações junto à direção, que só recebe alunos individualmente.

Certos de que estes são problemas que atingem vários estudantes em outras escolas, cremos ser de interesse a publicação desta carta, pelo que antecipadamente agradecemos.

Alunos das Faculdades Integradas Alcântara Machado."

das "reformas políticas" não parou aí. No dia 28 do mesmo mês, as pessoas que passavam pelo centro da cidade depararam com uma estranha cena, assim descrita pelo Jornal da Tarde:

"Num pequeno caixão branco, de criança, e ao som de uma marcha fúnebre e de uma antiga trova acadêmica que fala da bravura daqueles que deixam "a folha dobrada" para lutar por seus ideais, os estudantes enterraram a Constituição num canteiro do Largo São Francisco".

A noite, não houve aulas: na "tribuna livre" do Largo, os estudantes realizaram uma manifestação de apoio à convocação de uma nova Assembléia Constituinte, exigindo o retorno ao Estado de Direito e a anistia a todos os presos políticos.

Professores ganham menos

Seguindo a linha mestra adotada em toda majoração dos vencimentos dos funcionários públicos, foi publicada no Diário Oficial de 20 de abril de 1977, nota contendo o decreto-lei do governador com os novos vencimentos que os docentes da USP receberão. E, novamente, como vem acontecendo desde há três anos consecutivos, "a dita majoração" não corresponde ao aumento do custo de vida

O prof. Crodowaldo Pavan, Presidente da Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo (Adusp), reiterou seu protesto afirmando que os pontos de vista defendidos por esta entidade, enviados em documentos ao Governador, não foram sequer apreciados, Para tratar do assunto, foi marcada uma reunião com a participação de todos os professores filiados à Adusp, no mês de maio.

Como os vencimentos dos docentes da Unesp são iguais aos da USP, o Presidente da Associação dos Docentes da Unesp (Adunesp), Prof. Ulysses Telles Guariba Netto endossa o descontentamento de toda a classe, citando o fato de que nem conseguiram entregar um documento ao Governador sobre a questão, tendo em vista a continua recusa de se apreciar os pedidos da entidade. Concluindo, Guariba Netto acrescenta que este descontentamento está levando os professores se desinteressarem pelas Universidades Estaduais, procurando se empregar em empresas particulares, e caso continuem neias se rá apenas em período parcial, conservando o "status" e o prestígio que a posição lhes traz

E, quem perde mais com toda esta história não são só os professores e a Universidade, mas
principalmente os estudantes que
além de não contarem com um
currículo adequado, perdem cada
vez mais a dedicação dos docentes, que pouco a pouco vão dexando a Universidade às mosca

e às aranhas.

TEM A MESMA ORIGEM

E' proibida a entrada de alunos

Um moderno laboratório de engenharia química era inaugurado pela FEI, no seu campus em São Bernardo.

Autoridades, reitores de diversas universidades do país, o governador do Estado e até o Ministro da Educação foram convidados para a inauguração.

Na quarta-feira, dia 13, o único comunicado por parte da escola para com os alunos foi uma curta nota de 4 linhas avisando que as aulas estariam suspensas nos dias 14 e 15.

Esse mesmo comunicado quase não se fazia notar, pois estava meio escondido, nos quadros de aviso da escora, espalhados pelos corredores.

Resolveu-se então convocar uma reunião geral do Diretório Acadêmico com os alunos, em que seria discutida a situação da

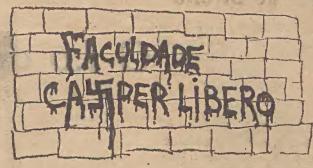
Nessa mesma reunião ficou decidido que uma comissão de alunos se encarregaria de fazer um documento ao Ministro da Educação que seria entregue no dia de sua visita.

O documento foi feito e seu conteúdo era específico, apontando os problemas de laboratórios precários, incluindo a falta de equipamentos e a sua manutenção, salas de aulas lotadas, falta de horários, ausência de centro de vivência condizente com o número de alunos da escola, e vários outros problemas. Finalizava reivindicando maiores verbas para a FEI, pelo ensino público e gratuito, e por maiores verbas para as escolas particula-

No dia 15, às nove horas da manhã, os alunos voltam a se reunir na sede do D.A., e formam uma comisão para entregar o documento ao Ministro. Mas, seguindo sempre as tais "ordens superiores", a comissão foi sumariamente barrada pelos agentes de segurança que se encontravam ostensivamente na entrada da escola. Reuniram-se novamente os alunos e decidiram divulgar o ocorrido a todos os outros centros e diretórios acadêmicos, a toda a imprensa e mandar o documento ao Ministro através da Secretaria da Educação e pelo correio.

Essa atitude repressiva soma-se a outras tantas que a direção da escola já praticou contra os alunos, cerceando assim a participação dos estudantes nos assuntos de seu interesse.

Até quando isso vai conti-



REPRESSÃO NA CASPER LÍBERO

Cinco estudantes da Faculdade de Comunicação Social Casper Libero estão sob ameaça de expulsão. O motivo? A cartaprograma (contendo uma rápida análise da realidade brasileira e situando a escola dentro dela), que lhes garantiu a indicação para a diretoria do D.A. Competindo contra duas chapas que às vésperas da eleição se uniram, a chapa a que pertenciam ganhou por uma boa margem de votos, em outubro do ano passado.

Segundo a direção da escola, a carta era de conteúdo subversivo, revelando uma possível "vinculação político-partidária". No entanto, as afirmações contidas no texto são repetidas diariamente por parlamentares não só do MDB como até mesmo da Are-

Os alunos, através de seus representantes de classe, repudiaram a atitude arbitrária e repressiva da direção. Um desses representantes foi mais incisivo: "expulsar 5 colegas por causa de uma carta-programa em que a maioria de nós votou, equivale a expulsar todos nós".

Mas essas não são as únicas medidas repressivas adotadas pela Faculdade Casper Libero. O D.A. não pode entrar em salas de aulas para dar avisos, vê frequentemente os murais arrancados e pressões diretas e indiretas são feitas aos seus membros. Apesar disso, os alunos cada vez mais se unem em torno de seu órgão de representação para fazer valer seus direitos.

Exemplo disso foi a mobili-

zação dos estudantes, da manhã e da noite, contra as carteirinhas de identificação que a direção quis impor como obrigatória. O objetivo dessa medida era muito claro: controlar as entradas e saídas dos alunos, impedindo que membros de outras escolas percorressem os corredores "exclusivos" da Casper (não tão exclusivos assim, já que a Fundação alugou salas no mesmo andar para o cursinho Objetivo).

Mas os estudantes disseram "não" e boicotaram a tirada das fotografias (que se deu dentro das dependências da escola) necessárias para a feitura das carteirinhas.

O resultado não poderia ser outro: os fotógrafos e suas máquinas tiveram que voltar para a Norton — firma da qual um dos professores é sócio — depois de muito pouco trabalho. O diretor, para não fazer feio, deu a entender que nunca pretendeu implantar as tais carteirinhas como obrigatórias. Assim, ao saber de uma abaixo-asinado reforçando os termos do boicote, nem quis ler. "Pelo óbvio, está concedido" — disse ele a um aluno. Mas os estudantes continuam de sobrea-

Em duas reuniões — uma durante o período da manhã e outra à noite — analisou-se o saldo que a movimentação deixou: um conselho de representantes de classe bastante atuante que pretende agora se organizar melhor para poder ser um canal efetivo de defesa dos interesses dos alunos.

A administração da FAAP chama um representante do grupo e comunica a proibição da apresentação. Os alunos, porém, não aceitam esta determinação e a peça é apresentada no saguão da Faculdade, assistida por mais de 200 pessoas.

Ao final, aplausos, não dirigidos especialmente ao grupo, mas sim em repúdio à tentativa de barrar aquela manifestação

Novamente os administradores procurar levar até sua sala um representante do grupo, de teatro para esclarecimentos. Os alunos impedem: "ou vai todo mundo, ou não vai ninguém". O "todo mundo" não foi aceito pelos administradores. Resultado: "não foi ninguém!" Procurando

garantir a integridade dos elementos do grupo, os alunos da FAAP os acompanharam até sua saída do local.

A consequência de tudo isto é que ficaram patentes os esforcos da administração da FAAP de impedir a livre expressão, e isto num estabelecimento que abriga cursos como Artes Plásticas e Comunicações.

Outro resultado foi que os alunos que viram o trabalho, reunidos num boteco logo após a "confusão", resolveram nada mais nada menos que fundar um grupo teatral.

Em resumo: aguarda-se, para breve, novo Grande Prêmio, na FAAP. Adivinha quem vai

Grande Prêmio FAAP



"O Grande Prêmio Brasil: A Corrida do Salário Mínimo x O Aumento do Custo de Vida". Mas na FAAP mudou de nome, e passou a ser: "A Corrida da Administração da Escola x A Apresentação do "Grande Prêmio".

Na véspera de um feriado, morte de Tiradentes, diga-se de passagem um sujeito que lutou pela independência do país, o grupo de teatro universitário Gema/GTCusp (1) resolve, a convite de diversos D. As., fazer uma apresentação na Fundação Armando Alvares Penteado. Co-

O nome da peça teatral era mo de outras vezes, procurando chamar os alunos a assistirem à peça, é feita uma "passeata" pela escola, em estilo circense. Mal ela se inicia e, às portas da multinacional-lanchonente Jack-inthe-Box, o "corpo de segurança" da FAAP a interrompe, com ameaças de chamar a polícia para barrar a "invasão" daquele estabelecimento.

O grupo, junto com os representantes dos D.As., resolve por os alunos a par da situação e decide continuar a "passeata", no que é seguido por muitos es-

CEDEM 16 12 18 19 20 21 22 23 24 25 11

O 1.0 de Maio da Ford

A multinacional FORD arranjou uma maneira singular de comemorar o 1.0 de maio: dispensou 500 empregados, elevando assim para 1.500 o número de trabalhadores despedidos em quatro meses.

A alegação da empresa foi de que sua situação financeira estava se deteriorando dia a dia. Por isso, em setembro, reduziu o número de horas extras e em dezembro deu férias coletivas parciais. E no começo do ano, propôs ao Sindicato dos Metalúrgicos a redução da semana de trabalho para 4 dias, com a evidente redução dos já ultrajantes salários A proposta, é lógico, não fio aceita pelo sindicato. Essa foi a razão para a dispensa dos operários, segundo a empresa.

Porém, os motivos dados pela FORD foram contestados pelo DIEESE, que afirma: "Em 1976 o quociente da liquidez gerral, que compara todos os haveres da empresa com as obrigações a pagar, indica uma situa-

ção péssima.

"Esse quociente, no caso da FORD, é enganoso porque grande parte das obrigações da empresa foram feitos no exterior com o aval da FORD americana. Logicamente essas dívidas podem ser liquidadas sem problema algum, pois a multinacional tem recursos suficientes para isso."

E ainda mais: "Na análise comparativa dos balanços de 1971 e 1976, enquanto o lucro da empresa crescia de 2.299 por cento, em termos reais, os salá-



rios reais apresentavam redução de 5 por cento".

Ao que parece, um dos dois

está dizendo inverdades. Quem

Mas as contradições não

acabam aí. Enquanto o secretário de relações do trabalho do Ministério do Trabalho afirmava que "o que sai de uma indústria automobilistica é absorvido por outra e os 500 demitidos acredito não afetaram o mercado de trabalho no setor", técnico do Minis-tério dizia que "os trabalhadores desempregados, mesmo com alto nivel de qualificação profissional, terão que se submeter à oferta de trabalho em outras atividades para as quais não estejam preparados, pois eles talven possam se engajar em setores carentes de mão de obra, como a construção civil", onde na certa os salários serão mais aviltantes ainda.

Essa foi a forma que a FORD arranjou para comemorar o primeiro de maio: despedir 500 tra balhadores.

Ao mesmo tempo, surgem notícias que anunciam, para breve, uma demissão ainda mais maciça em outro gigante da indústria automobilística: a Volkswagen. Desta forma, vão caindo sobre as costas dos trabalhadores as consequências de uma crise pela qual eles são os últimos responsáveis.

A única forma de fazer frente a medidas como esta, se coloca, de maneira cada vez mais clara, na organização independente e combativa dos trabalhadores, na fábrica e nos bairros. É neste contexto de luta que se situou . 1.0 de maio de 1977, com inúme ras manifestações operárias em neriferia de São Paulo.

(Vinícius de Moraes)



Era ele que erguia casas onde antes só havia chão. Como um pássaro sem asas ele subia com as casas que lhe brotavam da mão. Mas tudo desconhecia

OPERÁRIO EM CO

de sua grande missão; não sabia, por exemplo, que a casa do homem é um

[templo um templo sem religião. como tampouco sabia que a casa que ele fazia sendo a sua liberdade era a sua escravidão. De fato, como podia um operário em construção compreender por que um tijolo valia mais do que um pão? Tijolos ele empilhava com pá, cimento e esquadria; quanto ao pão, ele o comia... Mas fosse comer tijolos! E assim o operário ia com suor e com cimento erguendo uma casa aqui, adiante um apartamento, além uma igreja, à frente um quartel e uma prisão; prisão de que sofreria, não fosse eventualmente um operário em construção.

Mas ele desconhecia

esse fato extraordinário: que o operário faz a coisa e a coisa faz o operário. De forma que, certo dia, à mesa, ao cortar o pão, o operário foi tomado de uma súbita emoção ao constatar assombrado que tudo naquela mesa - garrafa, prato, fação era ele quem os fazia, ele, um humilde operário, um operário em construção, Olhou em torno: gamela, banco, enxerga, caldeirão, vidro, parede, janela, casa, cidade, nação! Tudo, tudo o que existia era ele quem o fazia ele, um humilde operário, um operário que sabia exercer a profissão.

Ah, homens de pensamento. não sabereis nunca o quanto aquele humilde operário soube naquele momento! Naquela casa vazia que ele mesmo levantara

um mundo novo nascia de que sequer suspeitava. O operário emocionado olhou sua própria mão, sua rude mão de operário, de operário em construção, e olhando bem para ela teve um segundo a impressão de que não havia no mundo coisa que fosse mais bela.

Foi dentro da compreensão desse instante solitário que, tal sua construção cresceu também o operário. Cresceu em alto e profundo, em largo e no coração, e como tudo que cresce ele não cresceu em vão. Pois além do que sabia exercer a profissão. o operário adquirin uma nova dimensão: a dimensão da poesia.

E um fato novo se viu que a todos admirava: e que um operário dizia, outro operário escutava.

O 1.0 de Maio dos trabalhadores

Companheiros

Estamos, novamente, vivendo o DIA 1.0 DE MAIO. Com os trabalhadores do mundo inteiro comemoramos no Dia 1.0 de Maio, marco importante na luta pela libertação dos operários, dos trabalhadores. O Dia 1.0 de Maio é o dia em que os trabalhadores do mundo inteiro são convidados a se lembrarem dos operários que morreram na forca, porque queriam melhores condições de vida para si e para seus companheiros.

Foi assim que as coisas aconteceram: no dia 1.0 de maio de 1886, teve um comício em Chicago, nos Estados Unidos e, durante o comício, a polícia entrou em briga com os trabalhadores. Os operários organizaram um novo comício para o dia 4 de maio de 1886, quando aconteceu de novo briga e morte entre policiais e trabalhadores. A polícia prendeu as pessoas que falaram no comício, sendo que alguns foram condenados à morte. Morreram enforcados: Alberto Spies, Adolfo Fischer e Jorge Engel.

O que os operários exigiam nesta luta?

Queriam:

— Jornada de 8 horas de trabalho, para o operario ter possibilidade de lazer, descanso, estudo.

— Defesa dos Direitos da Mulher Trabalhadora.

Em junho de 1889, os socialistas, reunidos em Paris para um Congresso Mundial dos Trabalhadores, em homenagem aos emopanheiros americanos mortos na luta, instituíram o 1.0 de Maio como "Dia Internacional dos Trabalhadores".

Em consequência destas lutas, foi reconhecida universalmente a jornada de 8 horas e certos direitos da mulher trabalhadora foram assegurados.

FESTAS E LUTA

Até aqui um pouco de história. Dá para perceber por que comemoramos o Dia 1.0 de Maio? Será um dia de festa, com discursos, inaugurações e competições esportivas? Ou se trata de um dia de luto e de luta?

A situação em que os trabalhadores hoje vivem não é tão dura ou, em muitos sentidos, pior do que aquela que motivou as greves de Chicago, com o massacre dos trabalhadores?

A SITUAÇÃO

Basta ter olhos para se ver a situação. É claro que o trabalhador está sendo explorado. O salário que recebemos não é suficiente para nossas necessidades básicas. Não existe estabilidade no emprego e o trabalhador é despedido sem motivo. A parti-

cipação na empresa não existe. Aí não temos nem voz nem voto. De modo geral, a própria estrutura e finalidade da empresa não respondem às necessidades do bem-comum. As máquinas sem vida são melhor tratadas que nós, pessoas humanas, feitos à imagem e semelhança de Deus. Os sindicatos estão afastados de sua finalidade de luta pelos verdadeiros direitos dos trabalhadores. Graves são os problemas de transporte, alimentação, saúde...

Como o salário normal é insuficiente, grande parte dos trabalhadores é obrigada a trabalhar de 10 a 13 horas por dia, inclusive aos sábados e feriados. Isto significa a destruição da grande conquista da classe trabalhadora: a jornada de 8 horas que deu origem ao dia 1.0 de Maio.

ACÃO

Diante de uma situação injusta, contrária aos direitos humanos, contrária aos ensinamentos do Evangelho que nos convidam à solidariedade, à justiça, não podemos ficar com os braços cruzados. É preciso construir nossa união. Pequenos grupos na empresa, nos bairros, nossa presença nos sindicatos, irão, aos poucos, quebrando a indiferença, a desconfiança, o medo.

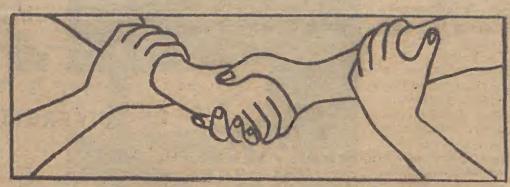


Neste 1.0 de maio de 1977, apelamos, pois, a todos os trabalhadores, nossos companheiros, para que estejamos unidos, nos organizemos nas empresas, sindicatos e bairros, a fim de aprofundarmos nossos conhecimentos sobre a realidade e sobre as condições que a classe tem, para encontrar soluções adequadas

Que lutemos juntos para se criar um sistema não com base no egoísmo econômico e sim no respetto à pessoa humana.

Rendamos nossas homenagens aos companheiros massacrados em Chicago e a todos os outros que, no mundo, deram suas vidas pelas conquistas da classe, assumindo, hoje, nossa responsabilidade na continuação desta luta.

IGREJA NO MUNDO DO TRABALHO PASTORAL OPERARIA Arquidiocese de São Paulo



E foi assim que o operário do edifício em construção que sempre dizia sim, começou a dizer não. E aprendeu a notar coisas a que não dava atenção: notou que sua marmita era o prato do patrão, que a sua cerveja preta, era o uísque do patrão, que o seu macação de zuarte era o terno do patrão, que seus dois pés andarilhos eram as rodas do patrão, que a dureza do seu dia a a noite do patrão, que sua imensa fadiga era amiga do patrão.

E o operário disse: "Não!"
E o operário fez-se forte
na sua resolução.
Como era de se esperar,
as bocas da delação
começaram a dizer coisas
aos ouvidos do patrão.
Mas o patrão não queria
nenhuma preocupação:
— "Convençam-no" do contrário!

disse ele sobre o operário, e ao dizer isso sorria.

Dia seguinte, o operário ao sair da construção viu-se súbito cercado dos homens da delação e sofreu, por destinado, sua primeira agressão.

Teve seu rosto cuspido, teve seu braço quebrado, mas quando foi perguntado o operário disse: "Não!"

Em vão sofrera o operário sua primeira agressão; muitas outras se seguiriam, muitas outras seguirão. Porém, por imprescindível ao edificio em construção, seu trabalho prosseguia e todo o seu sofrimento misturava-se ao cimento da construção que crescia. Sentindo que a violência não dobraria o operário, um dia tentou o patrão dobrá-lo de modo vário; de sorte que o foi levando ao alto da construção

e num momento de tempo mostrou-lhe toda a região, e apontando-a ao operário fez-lhe esta declaração:
— Dar-te-ei todo esse poder e a sua satisfação, porque a mim me foi entregue e dou-o a quem bem quiser, dou-te tempo de lazer dou-te tempo de mulher...
Portanto tudo o que vês será teu se me adorares, e, ainda mais, se abandonares o que te faz dizer não.

Disse e fitou o operario, que olhava e que refletia; mas o que via o operário, o patrão numca veria. O operário via as casas e dentro das estruturas via coisas, objetos, produtos, manufaturas; via tudo o que fazia o lucro do seu patrão e, em cada coisa que via, misteriosamente havia a marca de sua mão.

E o operário disse: "Não!"

Loueura! — gritou o patrão
Não vês o que te dou eu?
— Mentira! — disse o operário
Não podes dar-me o que é meu.

E um grande silêncio fez-se dentro do seu coração: um silêncio de martirios. um silêncio de prisão, um silêncio povoado de pedidos de perdão, um silêncio apavorado com o medo em solidão. um silêncio de torturas e gritos de maldicão, um silêncio de fraturas a se arrastarem no chão. E o operário ouvia a voz de todos os seus irmãos, os seus irmãos que morreram por outros que viverão. Uma esperança sincera cresceu no seu coração. e dentro da tarde mansa agigantou-se a razão de um homem pobre e esquecido, razão porém que fizera um operário construído o operário em construção.

1 J J 151005

O MUTIRAO DA

RESISTENCIA

"Eu estou aqui porque acho um absurdo morarem só 50 pessoas na Cada da Universitária. Com a quantidade de estudantes que existe nesta cidade, deviam morar pelo menos 5000, mas isto não acontece devido ao tipo de política educacional vigente no país".

Como Plínio Marcos, inúmeros artístas se juntaram aos três mil estudantes que durante toda a tarde e a noite do dia 16 de abril se revesaram no Mutirão de solidariedade à Casa da Universitária de São Paulo, atualmente sob ameaça de despejo. Como símbolo de luta pela preservação da entidade, a casa foi pintada de branco durante o Mutirão.

A CUSP é uma entidade de utilidade pública, cujo fim é oferecer moradia acessível às estudantes sem recursos que vêm do interior e de outros Estados para cursar universidade em São Paulo.

De um modo geral, as atuais moradoras não têm condições de arcar com a sua manutenção enquanto estudam. O caso de uma aluna da Faculdade de Letras da USP é bastante significativo. Ela veio há dois anos de Araguaína, interior de Goiás, e seu pai, iá falecido, era lavrador. Para ela, a existência da Casa da Universitária é a única garantia de continuar estudando aqui. No caso da CUSP desaparecer, qual seria sua alternativa?

A história da resistência de suas moradoras começou em 1973, quando o imóvel, cedido em 1951, por tempo indeterminado, pela Cúria Metropolitana (sua proprietária), foi vendido à multinacional Kobayashi Habitacional do Brasil, que construirá no local um luxuoso hotel.

Sem ter para onde ir, as estudantes tentaram desde então todos os recursos, perante os mais diversos órgãos oficiais, desde os municipais até os federais, sempre sem resultados. O que lhes valeu de fato foi o apoio da opinião pública, para enfrentar o que agora parece inevitável: a ordem de despejo que será executada dentro de dois meses.

Solidários com a luta em defesa da moradia estudantil, compareceram ao Mutirão vereadores como Benedito Cintra e Flavio Bierrenbach, além da presidente do Movimento Feminino pela Anistia, Terezinha Zerbini. Houve momentos hilariantes, como a peça "A Grande Corrida do Custo de Vida contra o Salário Mínimo", de Augusto Boal, apresentada pelo GEMA-CUSP, grupo de teatro universitário.

João Bosco, Belchior, Tomzé, Paulo Vanzolini, Luiz Vieira, Jair Xavier, Abilio Manoel e o conjunto boliviano Raza Índia, entre outros artístas, também vieram prestar seu apoio, participando gratuitamente do show realizado no quintal da Casa. Foi um grande dia aquele.

O céu parecia se fechar logo de manhazinha, mas não passou de um engano do amanhecer. O sol também veio ao Mutirão e foi um novo dia, de tanto sol que em alguns momentos foi até um exagero.

A resistência tornou-se mais forte, derrotou o medo.

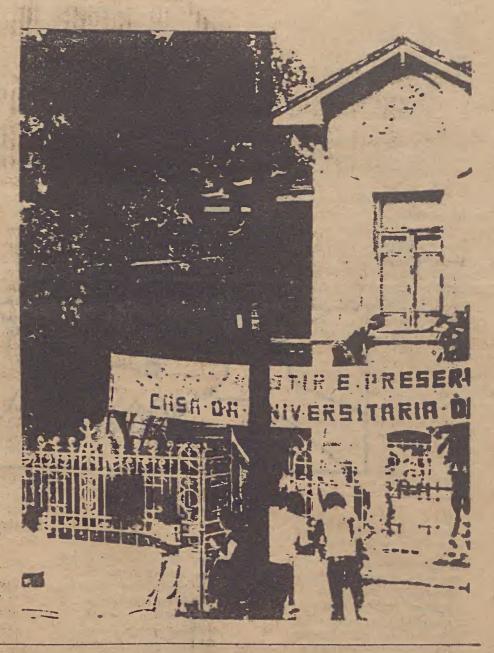
A Casa da Universitária de São Paulo, hoje, já deixou de ser apenas das moradoras, é a Casa de milhares de pessoas que através desses grandes dias se aproximaram, viram e assumiram a sua luta.

O Mutirão foi um sucesso.

A CUSP venceu, e aquele dia mostrou que ela vai viver, onde estiver, talvez até em outra casa; que os milhares de moradores que hoje fazem parte da CUSP estarão sempre ao seu lado, sempre lutando para que ela se amplie cada vez mais, e algum dia abrigue os estudantes de todo o país.

Aquele dia foi um grande exemplo de coragem e de resistência.

Foi uma grande vitória.



MANIFESTO DA CASA DA UNIVERSITÁRIA

A 1.º de março de 1977, a Casa da Universitária de São Paulo recebeu uma ação ordinária de despejo, por parte da multinacional Kobayashi Habitacional do Brasil.

Criada em 1951, para atender universitárias carentes, procedentes do interior e de outros Estados, a CUSP sofre há quatro anos a ameaça de despejo, desde quando o imóvel, antes pertencentes à Curia Metropolitana de São Paulo foi vendido ao grupo japonês.

O CRUSP foi fechado em 1968 e não se cogita em reabrilo. Além disto, dentre as quatro casas de estudantes existentes na Capital, que abrigam apenas 300 pessoas, em contrapartida com centenas de milhares que buscam escola e moradia nesta Capital, a CUSP é a única para universitárias e não possui uma sede própria.

Essa situação não é uma particularidade de São Paulo. No Rio de Janeiro a Casa do Estudante Universitário também corre o risco de se extinguir. Ainda este ano, assistimos ao fechamento da Casa do Estudante de Maceió. No Nordeste, as casas em número de cinquenta, mais ou menos, passam por uma crise séria :prédios sem condições de serem ocupados, baixo teor alimen-

tar, nenhuma ajuda governamental (sendo que a responsabilidade da manutenção destas entidades é dos órgãos oficiais).

Convém não esquecer que não só a MORADIA sofre inúmeros problemas, como também a assistência estudantil de uma maneira geral.

Tais desencargos se enquadram em uma política mais global traçada para a Educação, que concretiza no constante corte de verbas, aumento das anuidades das escolas particulares, tentativas da implantação do ensino pago nas escolas públicas, implicando num baixo nível de ensino e na criação de uma insustentá-

vel e contraditória problemática em torno do número de vagas.

Recentemente a Arms Control Association divulgou um reclatório que apresenta o Brasil em último lugar dos países da América Latina que investem em Educação.

Conscientes de que a ameaça que pesa sobre a preservação da CUSP é mais um reflexo de tode este descomprometimento para com o setor educacional, nós, abaixo-assinados vimos reivindicar dos órgãos competentes uma sede para a entidade.

(seguem-se as assinaturas de dezenas de entidades estudantis)

ONDE OS ESTUDANTES TRABALHAM



Diariamente, num período que oscila entre quatro e seis horas, abordo pessoas que chegam às estações do Metrô, e pergunto em que estação elas vão descer. Algumas, surpreendidas com a pergunta, querem saber o porque dela. Outras, num gesto automático e sem rodeios respondem. Há aquelas que fingem não escutar. Anoto as respostas obtidas numa papeleta. Este é o meu trabalho. Além de não gostar do serviço, enfrentei a concorrência de muitas pessoas.

Sou também estudante. Curso o 3.0 ano de Engenheria Civil. Virei entrevistador através da "dica" de um colega, que soube que o Metrô estava recrutando estagiários de diversos cursos, inclusive engenharia. Mas o tal estágio exige de mim apenas a "capacidade" de saber perguntar para onde as pessoas se dirigem.

Por que então enfrentei uma forte concorrência para pegar este estágio? Quantos estudantes não queriam ganhar essa boca? Por que isso? Por que brigar tanto para trabalhar em um local em que não quero trabalhar?

Para responder a esta pergunta é necessário analisar não só este caso particular. É necessário levantar onde todos os estudantes trabalham. Antes disso, porém, é preciso a responder outra pergunta: por que os estudantes trabalham?

Até pouco tempo, a razão estava basicamente na necessidade de complementação profissional, ou em palavras mais simples, na prática. A transformação dessa teoria em algo mais concreto pode se processar em dois níveis. O primeiro deles é o contato do estudante com seu futuro campo de trabalho (indústrias, hospitais, etc.). O outro é a necessi-

dade de laboratórios bem equipados, e em número suficiente, que
possam ser utilizados por todos
os alunos. No entanto, o governo,
que deveria se responsabilizar
pelos gastos da educação, há cerca de treze anos vem diminuindo
gradativamente as verbas para
esse campo. Conclusão: os necessários laboratórios quase não
existem, e, quando existem são
de precárias condições.

Qual a saída para o estudante? Só resta sair da universidade e procurar a prática profissional fora dela. Como é a única saída, começa a aparecer concorrência, e consequentemente os abusos por parte dos empregadores. O estudante passa a ter uma profissão: a de estagiário. Profissão diga-se de passagem cheia de regalias. Não para ele, é claro, mas sim para a empresa. Estas contratam seus novos empregados sem ter que pagar 13 salário, encargos sociais, INPS, podendo deligá-los a qualquer hora e ainda possibilitando desconto no imposto de renda. Para completar o quadro, com poucas excessões a prática almejada não se concretiza, transformados que são os estagiários em pau prá toda obra.

Com a transformação de educação em mercadoria; das escolas em verdadeiras empresas (onde o que importa é o lucro); com a tentativa de implantação do ensino pago nas escolas ainda gratuitas; o Estado transfere paulatinamente para os estudantes os gastos com a educação. Os universitários, obrigados a pagar altíssimas mensalidades, não vêem outra saída senão se empregar ou estagiar. As necessidades econômicas sobrepujam, nesta fase, o que seria prioritário: a complementação da formação profissional através do estágio.

Se der para unir as duas coisas menos pior.

São estes os motivos que obrigaram esta estudante da Escola Paulista de Medicina a de sabafar.

"No meu plantão (24 hs.), assisto a uma enfermaria com cerca de 50 crianças. Atendo casos novos que chegam, faço partos, auxilio cesarianas e faço pequenas cirurgias. Em alguns momentos chego a tremer, pois me sinto totalmente insegura e tenho que tomar uma atitude com o paciente sem ter condições. Tudo isso para ganhar Cr\$ 300,00 pelo plantão, enquanto um mêdico ganha Cr\$ 1.000,00 por um plantão de 12 hs. O pior é que o movimento triplicou nos últimos anos e o número de empregados continua o mesmo. Quando saio me sinto arrasada. Se não precisasse do dinheiro não voltava mais lá."

Agora, fica mais fácil responder à pergunta: onde os estudantes trabalham? Eles trabalham em todos os lugares. Quase nunca onde querem e deveriam trabalhar.

A QUEM SERVE O CIE-E

O centro de integração Empresa-Escola, órgão filiado à Federação das Indústrias de São Paulo, propõe-se a centralizar a concessão de estágios a estudantes universitários. Apesar de ser uma entidade particular, ganhou a regalia de ser o único órgão capaz de validar a carteira profissional de estagiário, conseguindo assim facilidades para centralizar a concessão.

Na verdade, o CIE-E funciona como uma agência de empregos a serviço das empresas. As vantagens oferecidas por essa agência são várias.

Uma delas ,a que mais cati-

barata. O baixo custo do estagiário tem levado muitas firmas a admiti-los como forma de diminuinr seus custos. Um exemplo bastante claro disso pode ser obtido em grande parte das firmas construtoras, inclusive as estatais. Estas, quando vão levantar o custo de algum projeto calculam como se usassem grande quantidade de mão-de-chra especializada e, portanto cara. Depois que recebem as verbas apenas os postos chaves são ocupados com mão-de-obra especializada. O resto é preenchido por mão-de-obra barata: os esta-

Um folheto de propaganda do CIE-E confirma:

"A vantagem evidente de um estagiário é que ele custa muito menos que um funcionário comum."

Uma das outras regalias oferecidas pelo CIEE às empresas é quanto ao recrutamento e seleção. As firmas vêem na observação preliminar dos futuros formandos as possibilidades de conquistar para si os prováveis melhores profissionais. Outra publicação do CIE-E ilustra bem esse fato.

"Quando Pelé fol levado ao São Paulo Futebol Clube, não quiseram lhe oferecer um estágio, quantos campeonatos isso terá custado ao S.P.FC? E quantos milhares de arrecadação? Descubra já os homens certos que sua empresa precisará antes que eles vistam a camisa do concorrente."

A redução dos custos de adaptação é outra vantagem oferecida pelo CIE-E. Esta linha de conduta está vinculada à de recrutamento e seleção, pois os futuros profissionais, enquanto estudantes, asseguram baixo custo de preparação.

Outro fator da grande importancia dos estagiários às indústrias é o fato do estágio tuncionar como um ponta de lança da integração universidade-empresa. Isto faz com que o estudante adquira uma visão empresarial da universidade, favorecendo currículos adaptados às necessidades das empresas e da estrutura social atual.

Apesar de tudo isso, o estágio não é totalmente nocivo, desde que o estagiário adote uma atitude crítica em relação ao estágio e à organização industrial vigente. Desde que ele procure se unir e criar alguma associação ou uma outra entidade qualquer que defenda seus interesses e que acabe com os abusos dos empregadores. Só assim deixará de existir casos como esse relatado por uma aluna do curso de enfermagem da Escola Paulista:

"No meu curso existe uma matéria chamada Fundamentos de Enfermagem, onde o aluno passa mais de 20 dias lavando as paredes e as camas da enfermaria, para aprender a importância da limpeza para o controle das infecções entre pacientes no hoppital. Este é o estágio desta matéria. E é obrigatório."

O CASO ARANTIES

"Assim que vi meu filho, percebi que não se encontrava bem fisicamente. Se dirigiu para nós, andando lentamente e com dificuldade. Estava visivelmente transtornado. Quando nos sentamos, imediatamente, vimos que seus braços estavam marcados por grandes manchas roxas. Desesperada, perguntei o que havia acontecido, ao que ele me respondeu ter sido torturado nas dependências do DOI, durante todo dia 27." ("O Estado de São Paulo 2/2/77)

O depoimento é de mãe do preso político Aldo Arantes, em carta endereçada ao juiz da 1.a Auditoria Militar de São Paulo, após a primeira visita feita ao filho desde sua prisão.

Aldo Arantes, advogado, expresidente da União Nacional dos Estudantes, foi preso dia 15 de dezembro do ano passado, juntamente com outros militantes do PC do B (Partido Comunista do Brasil). Soube-se, pela nota oficial do II Exército, da ocorrência de 3 mortes na ocasião: Pedro Pomar, Angelo Arroyo e João Batista Drummond.

' Na visita realizada ao DOPS, a mãe de Aldo estava acompanhada dos advogados dos presos, que testemunharam os ferimentos, nos braços e nos pés, marcas de tortura. Foi então enviada ao juiz, juntamente com a carta, uma petição denunciando as sevicias e pedindo, entre outras medidas pela sua segurança, que Aldo fosse examinado pelo médico de sua família.

Ao mesmo tempo em que

entidades como a Comissão de Justica e Paz e o Secretariado de Não-Violência se posicionavam publicamente em defesa da vida e da integridade física dos detidos, a petição era negada e o general Dilermando Monteiro desmentia à imprensa a ocorrência de torturas em São Paulo. Alguns dias depois, o II Exército apresentou laudos médicos afirmando que Aldo Arantes não apresentava sinais provocados por choques elétricos, admitindo, porém, que foram encontrados "sinais de lesões corporais" anteriores em cerca de dois dias à data assinalada na denúncia.

Estas afirmações, entretanto, foram refutadas dois dias depois pelos delegados da Comissão Internacional de Juristas Católicos, enviados ao Brasil para fazer um levantamento da situação dos direitos humanos no país. "Os fatos contradizem a versão de que a denúncia de tortura é uma calúnia", disse numa entrevista ao "Estado de São Paulo" o juiz francês Louis Joinet, explicando: "os laudos reconhecem a existência de hematomas e cicatrizes e apenas dizem que não há sinais de choque elétricos e todos sabem que a tortura existe mesmo sem os choques; além disso, os laudos dizem que as marcas de sevicias são anteriores à data da denúncia, mas como são posteriores à data da prisão de Aldo, foram causadas no DOI-CODI e através de tortura".

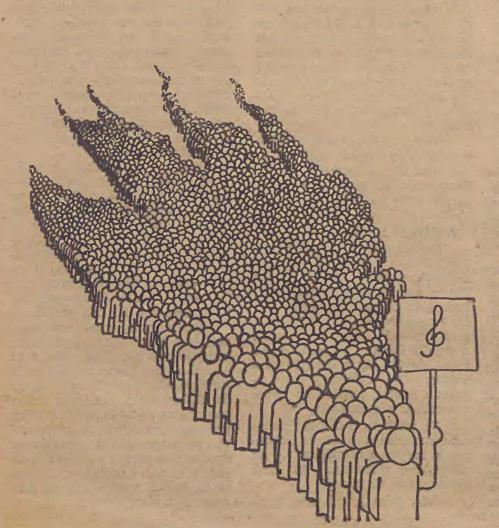
O que teria ocasionado esses sinais? O II Exército não se preocupou em esclarecer, limitando-



se, em ofício anexo aos autos, assinado por seu comandante, general Dilermando, a qualificar a petição dos advogados de "calúnia", feita com o intuito de lançar "a opinião pública contra os órgãos de segurança — cujo único interesse é a manutenção da paz e da tranquilidade geral". Ainda segundo o general, os presos vêm reclamar "tratamento e

Ao final do relatório, Aldo Arantes declara ter tomado conhecimento com espanto da nota do II Exército afirmando serem calúnias suas denúncias sobre torturas. Tais fatos, segundo ele, demonstram a continuidade de utilização de métodos arbitrários no tratamento de presos políticos, o que significa desrespeito sistemático à Declaração Universal dos Direitos."

O IMMMU vem ai!



Jogando os livros num canto, pega o violão e tira uns acordes diferentes. Um amigo, passando por perto, pára, e logo uma letra vem à cabeça. Pronto: nasceu uma música. Cenas como essa se repetem na maior parte das escolas de São Paulo. Mas poucas pessoas fica mcohnecendo o trabalho desses colegas que também não acham que "estudante é só pra estudar".

Com o objetivo de mostrar o que há de bom e de novo em termos de música universitória e de incentivar atividades culturais dentro de todas as escolas, os Departamentos culturais de várias entidades estudantis se reuniram e decidiram promover o IMMMU. (A 1.a Mostra Metropolitana de Música Universitária).

A seguir publicamos o documento convite:

"Com a intenção de veicular as inovações musicais, de dar oportunidade a novos valores e promover a união estudantil com base numa atividade cultural, estamos promovendo uma mostra de música universitária que se fará realizar na segunda semana de junho.

Este encontro musical contará com a participação de várias escolas da Grande São Paulo.

Como o objetivo é divulgar atividades musicais de todas as escolas, fomos obrigados a limitar a duas (2) o número de músicas por faculdade (devido à impossibilidade de se realizar a mostra por mais de 4 dias). O critério de seleção das músicas será decidido numa reunião com os próprios compositores inscritos.

Para participar, o compositor da letra e/ou música deverá ser universitário. As inscrições poderão ser feitas nos Centros Acadêmicos de suas respectivas escolas (se você estudar no "campus" da USP, dirija-se ao Centro Acadêmico da ECA, FÍSICA ou POLITECNICA; se na PUC, ao Centro Acadêmico XXII de Agosto). Até dia 20 de maio, uma fita gravada e cinco cópias da letra, datilografadas, deverão ser entregues aos Centros Acadêmicos.

Até dia 27 de maio, todas as músicas deverão ser entregues no C.A. (Depto. Cultural) da G.V.

Os compositores cujas Faculdades não integrem a Comissão Organizadora, deverão levar suas músicas diretamente ao C.A. da F.G.V., onde será feita uma seleção de música isoladas."

Telefone do C.A. da G.V.: 284-2311 — Ramal 263.

CEDEM 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 20 27 28 20 27 28

Sacreta &

A quantas anda a máquina de fazer doido?

Clic. A família acomoda-se em frente ao aparelho. É um modelo antigo, desses bem grandes. "No ano que vem, se tudo der certo, vai ser a cores." Mas enquanto esperam, esse aí quebra o galho. "É muito necessário e educativo para as crianças", explica o chefe da família.

Psst! A nossa recém começada conversa se interrompe. Jornais são pousados no chão. Começou a novela das 7.

Durante 45 minutos (sem descontar os comerciais) desfilam no vídeo personagens, tramas e situações que pouco têm a ver com o dia-a-dia das mocinhas (e mocinhos) que a acompanham noite após noite. A irrealidade das situações não às preocupa; pelo contrário, até agrada.

"O que eu gosto no "Estúpido Cupido" é que não é dessas novelas chorosas... Só tem gente feliz, saudável. Faz a gente esquecer os problemas..."

Novelas que fazem esqueçer os problemas são especialidade de uma emissora em particular: a Rede Globo, ligado ao grupo Time and Life, norte-americano. Com enredos simples, geralmente envolvendo amores que só são correspondidos no final, ou fantasias embrulhadas numa pseudo preocupação social, elas pouco ou nada têm a ver com a realidade brasileira.

Em "O Anjo Mau", novela que fez relativo sucesso alguns meses atrás, uma babá conseguia namorar o seu patrão, e assim subir de status. Ao mesmo tempo, em "Estúpido Cupido", ingênuos rapazes vivendo namoros entre bailes e o colégio, eram apresentados como uma autêntica amostra do que foi a juventude brasileira dos anos 60. Uma juventude para a qual não existiriam problemas de emprego, moradia, ou falta de liberdade.

"Mas a televisão não é para mostrar as coisas tristes. Quando eu chego em casa, só quero uma coisa: sentar, ligar a TV e me distrair." Realmente, é muito importante a distração. Mas é necessário ver o que há por trás dessas distrações que nos são praticamente impostas. Antes de mais nada, são distrações que toihem toda a capacidade criadora, já que mostram situações fechadas, às quais nada temos a acrescentar. A novela não permite resposta ou diálogo, mesmo porque tudo o que aparece no video é transmitido como verdade", e uma verdade tão distante de nós que não dá condições de sequer concordarmos ou discordarmos.

NOTÍCIA:

A VERDADE QUE NINGUÉM VÊ

Mas não é só de novelas que se alimentam os bolsos da Globo e de algumas outras emissoras. Ninguém escapa aos telejornais. Nem o chefe de família que acha que novela é coisa de mulher, nem a dona-da-casa que aprendeu a repetir às amigas: "É verdade sim, eu vi na televisão".

Assim, são apresentadas como verdade nos telejornais noticiários sobre a "conturbada" situação internacional (terremotos na Itália, matanças e agitações em alguns países, economia em crise noutros), paralelamente a um clima semi-calmo no país.

Enquanto fatos catastróficos assolam todo o planeta, no Brasil existem apenas alguns problemas secundários, a crer pela parte nacional de alguns telejornais. E mesmo estes problemas, são abordados superficialmente e como se não fizessem parte de um mesmo contexto. Problemas de trânsito, falta de calçamento em determinada rua, crianças sem escola num bairro de periferia, não são ignorados. Mas são enfocados como se um nada tivesse a ver com o outro.

OS JUSTICEIROS IMPORTADOS

Novelas, telejornais, os gran-

des programas de auditório, se incluem dentro da programação produzida no país. (embora baseada em idéias transplantadas). No entanto, uma especialidade a que a televisão brasileira tem-se consagrado nos últimos anos é a de importar filmes e seriados. O horário reservado aos longa metragens prima pela quase completa ausência de filmes nacionais. Mas o pior é que estes filmes, produzidos e importados em lotes, são ainda mais distantes de nós, e impõem ainda mais uma falsa visão da vida e uma sede de consumo que as novelas de TV. Os mocinhos dos filmes atuais andam de carros de luxo, fumam determinados cigarros, em suma, consomem... e são os heróis. O mesmo se dá com a última moda em termos de TV: os seriados policiais. Excêntricos detetives ajudando a polícia na sua árdua missão têm ao seu dispor bens tão ou mais numerosos que

seus amigos, heróis de filmes para TV. Além disso, esses "justiceiros" vivem situações tão padronizadas quanto irreais.

Em cada episódio de "Connon", por exemplo, ele sofre um atentado violentíssimo, do qual, por milagre e astudia, escapa. Semana após semana.

Os traficantes, contrabandistas, assassinos, perseguidos, são sempre vencidos depois de muito tiro e violência. E os paladinos da justiça retornam aos seus lares, com um sorriso nos lábios — prontos para a próxima investida.

Preocupações como o que leva os fora-da-lei a praticarem crimes, nem lhes passam pela cabeça, nem são insinadas no video

"SÓ VEJO FILME DE BRIGA"

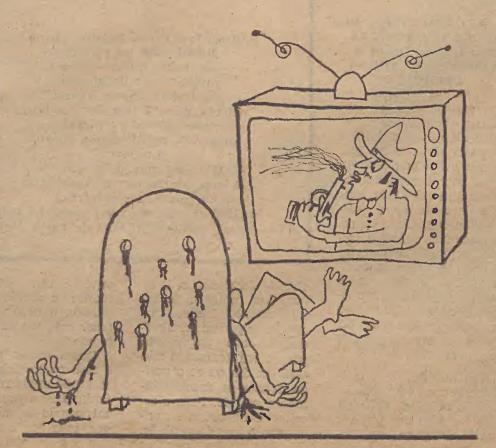
porrada, não tem briga, morte, porrada, não tem graça. Eu só queria ser homem para poder brigar assim também. (Carla, cinco anos, quieta, apagada, sem iniciativa) — FSP — 03/03/77".

Carla, como outras crianças de sua idade, deve ter-se acostumado a se plantar em frente à TV à tarde toda vendo heróis, monstros, num festival de violência e brutalidade. Nos desenhos animados que a nossa TV apresenta, vence geralmente o mais forte fisicamente — e que por coincidência é um cidadão exemplar, com todas as "virtudes", inclusive, muitas vezes, riqueza.

Mas se os pais preferem que seus filhos vejam uma programação mais "cultural", "Vila Sésamo" — mais uma produção importada e parcialmente adaptada — parece ser a opção. Diariamente, no horário infantil, um mundo onde reina a absoluta igualdade entre todos. Não há operários e sim artesãos, donos do produto de seu trabalho. Ninguém é infeliz ou faminto. Pelo contrário. Pela musiquinha que precede cada programa, basta a criança estar "vivendo e sorrindo, cantando e rindo" e será "muito feliz e todos serão também". Serão?

A VIDA É FANTÁSTICA AOS DOMINGOS

Domingo, dia sem novela. Mas muito esporte (na TV é claro) e Sílvio Santos. E o melhor da festa: "Fantástico", o Show da vida. Numa confusão de cores, luzes, sons, um mundo maravilhoso. Cantores americanos ou ingleses, Circo de Moscou, mágicos argentinos, apresentam-se a lado com reportagens sobre temas "populares" brasileiros. Sim, esses mesmos temas para os quais, como denuncia o livro reportagem "TV Globo, O Ópio do Povo", são contratados, e devidamente vestidos, figurantes para representarem bóiasfrias. E que bóias frias! Dentição completa, trajes de dar inveja. Parece que o único recurso é mesmo contratar gente para essas reportagens relâmpagos. De outro modo, como poderia ser mostrado como fantástico o show



- Y 3/3 A 3 90 5

Quem, nos dias de hoje. quiser lutar contra a mentira e a ignorância e escrever a verdade tem de superar ao menos cinco dificuldades. Deve ter a coragem de escrever a verdade, embora ela se encontre escamoteada em toda parte; deve ter a inteligência de reconhe cê-la, embora ela se most r e permanentemente disfarçada; deve entender da arte de manejá-la como arma; de ter a ca pacidade de escolher em que mãos será eficiente: deve ter a astúcia de divuigá-la entre os escolhidos. Estas dificuldades são grandes para os escritores que vivem sob o ťascismo, mas existem também para aqueles que fugiram ou se asilaram.

1) A CORAGEM DE ESCREVER A VERDADE

Entende-se que o escritor deva escrever a verdade no sentido de que não deve suprimi-la ou silenciá-la, nem escrever inverdades, nem curvar-se perante os detentores do poder, muito menos enganar os fracos. Naturalmente, é muito difícil não se curvat diante dos poderosos e é muito vantajoso enganar os fracos. Os tempos de máxima opressão são aqueles em que quase sempre se fala de causas grandiosas. Em tais épocas, é necessário ter coragem para falar de coisas pequenas e mesquinhas como a comida e moradia dos que trabalham, no meio do palavreado homérico em que o espírito de sacrifício é agitado como estandarte glorioso.

Também é preciso ter coragem para falar a verdade sobre nós mesmos. sobre os vencidos: Dizer que os bons são vencidos. não porque sejam bons. mas porque são fracos. isto requer coragem. Não é preciso grande coragem para queixar-se da maldade do mundo, do triunfo da crueldade em geral, e de acenar com o triunfo do espírito e uma parte do mundo onde isto ainda é permitido.

2) A INTELIGENCIA DE RECONHECER A VERDADE

Uma vez que é dificil escrever a verdade porque em toda parte ela vem sendo suprimida. muitos pensam ser questão de fôro íntimo escrever a verdade ou não. Acreditam que somente é necessário coragem. Esquecem a segunda dificuldade: a do descobrimento da verdade. De

forma alguma pode-se dizer que é fácil encontrála. Para começar, já não é fácil decidir qual a verdade que merece ser dita.

Por exemplo, não deixa de ser verdade que as ca deiras têm assento, ou que a chuva cai de cima para baixo. Muitos poetas escrevem verdades desta espécie.

Não perturbados pelos detentores do poder e igualmente insensíveis aos gritos dos violentos, dão suas pinceladas e fabricam seus quadros. Essa gente é incapaz de achar as verdades que devem ser escritas.

3) A ARTE DE TORNAR A VERDADE MANEJÁVEL COMO UMA ARMA

A verdade deve ser dita por causa das consequências que dela resultam para a conduta. Como poderá alguém dizer a verdade sobre o fascismo ao qual é contrário. sem querer falar do capitalismo que o produz? Os que são contra o fascismo, sem tomar posição contra o capitalismo, parecem pessoas que querem comer a vitela mas não querem ver o sangue. A pessoa leviana, que não conhece a verdade, se expressa em termos gerais, pomposos e impreciosos. São palavras vazias que nada dizem a ninguém e nenhuma contribuição oferecem atuação prática. Se quiserem escrever com êxito a verdade sobre graves situações, deverão escrever de maneira que permita reconhecer suas causas evitáveis. Reconhecendo as causas evitáveis, pode-se lutar contra essas situações.

4) A CAPACIDADE DE ESCOLHER AQUELES IM CUJAS MÃOS A VERDADE SE TORNA EFICIENTE

A verdade tem que ser dita a alguém que saiba fazer algo com ela. Para se poder dizer coisa boa há que ouvir bem e ouvir coisa boa. A verdade deve ser dita calculadamente e deve ser ouvida calculadamente. Para os escritores é de máxima importáncia saber a quem dizemos e de quem ouvimos. Devemos dizer a verdade sobre a grave situação àqueles que estão em uma péssima situação e deles devemos aprender os pormenores.

Não nos devemos dirigir somente às pessoas de posição política definida mas também às pessoas que já deveriam ter tomado essa posição em As cinco verdades de Brecht

INTERNATION STATES THE BOOK

Síntese do texto de Brecht "Cinco dificuldades no escrever a verdade", que apareceu a primeira vez ilegalmente na revista "Nosso Tempo", editada pela "União dos Escritores Alemães" em Paris. Foi divulgado na Alemanha durante o nazismo.

Há vinte anos de sua morte é bom interromper essa distância e ouvir suas palavras.

a implacável esperança que caminha nelas. (do iornal "INFORMAÇÃO", de Porto Alegre)

virtude da situação. E os ouvintes mudam constantemente. Mesmo os carrascos podem ser abordados, se o pagamento para o enforcamento não está em dia ou se o perigo tornou-se demasiadamente grande. Para o escritor é importante encontrar o tom da verdade. Geralmente, e que se

ouve é um tom muito manso e lamentoso de pessoas que não podem fazer mal sequer a uma mosca

Quem escuta esse tom e está na miséria, tornase ainda mais miserável Assim falam pessoas que talvez não sejam inimigas, mas que certamente não são companheiros de lutas. A verdade é combativa. Não luta somente contra a inverdade, mas também contra certos bomens que a divulgam.

5) A ASTÚCIA DE NVULGAR A VERDADE ENTRE MUITOS

Em todas as épocas, a stúcia tem sido utilizada para divulgar a verdade, sempre que esteve subjugada e oculta. Confúcio modificou velhas lendas chinesas, alterando certas palavras. Quando se dizia que o potenado de Kum havia maniado "matar" o filósofo Van por ter dito isto ou quilo, Confúcio escreveu m lugar de "matar", assassinar". Quando se lisse que o tirano fora vitima de um "atentalo", ele escreveu "foi exeutado". Com isso, Confúcio abriu lugar para ıma nova interpretação da história

Quem fala do solo, descrevendo apenas o cheiro da terra e a cor, apoia as mentiras dos que a dominam, porque não depende da fertilidade do chão, nem do amor do homem à terra, nem do seu trabalho, mas especificamente o que conta é o preço do trigo e da mão-de-obra. Os que tucram não são aqueles que plantam o trigo.

Um alto nível literário oode servir de garantia para uma denúncia. Muitas vezes, porém, causa suspeita. Nesse caso de verá ser empregada uma forma literária mais acessível. Pode ser feita por exemplo, na forma do tão desprezado romance policial. A divulgação do pensamento, não importa em que terreno seja, é sempre util à causa, dos oprimidos. Uma divulgação assim é muito necessária.

Em governos que servem à exploração, o pensamento tem cotação baixa, como baixo é considerado tudo o que é útil aos oprimidos. Baixa é a eterna preocupação pela comida, baixo é recusar as honrarias prometidas pelos "defensores" da pátria, ter má vontade para com o trabalho que não sustenta o homem, os que reclamam salários por seu trabalho são chamados de vagabundos. O pensamento não é mais cultivado. E, quando é cultivado, termina send perseguido. A dependência de cada coisa de uma série de outras, que mudam constantemente, é um pensamento perigoso, e pode aparecer de múltiplas maneiras, sem oferecer pretextos a po-

Às vésperas do 1.º de maio, 5 operários e um estudante foram presos por fazerem uso do seu direito à livre expressão. Poucos dias depois, outros dois estudantes vieram se juntar a eles. Esta foi a

NOSSA RESPOSTA

- paralisação das aulas na USP, PUC e Unicamp, nos dias 2 e 3 de maio — um total de 80 mil universitários em greve:
- Ato Público em frente ao TUCA (dia 3), com a presença de mais de 6 mil pessoas e a participação, ao lado dos estudantes, de entidades democráticas como Associação dos Professores da PUC, Movimento Feminino pela Anistia, MDB, organizações de professores, representações de bancários e operários, todos em repúdio às prisões arbitrárias;
- posicionamento da imensa maioria dos presentes ao Ato Público em favor da anistia ampla e irrestrita aos presos, banidos e exilados políticos, da convocação de uma Assembléia Constituinte livremente eleita, das liberdades democráticas;

- formação, no Ato Público, do Comitê I.º de Maio de Defesa dos Presos Políticos e pela Anistia;
- paralisação das aulas, no dia 5, em inúmeras faculdades de São Paulo, Campinas, Ribeirão Preto, São Carlos e outras cidades no interior;
- em São Carlos e Ribeirão Preto, Atos Públicos e passeata pelas ruas;
- concentração de repúdio às prisões, realizada em pleno centro de Campinas;
- ainda no dia 5, momentos antes deste jornal ser impresso, uma passeata de cerca de 12 mil pessoas percorreu, sob os aplausos e com adesões do povo, o centro de São Paulo, do Largo São Francisco à Praça Ramos de Azevedo, na maior manifestação pela democratização do país dos últimos 8 anos.

LIBERDADE

PAUL ELUARD

Nos meus cadernos de escola Nas carteiras e nas árvores Nas areias e na neve Escrevo teu nome

Em toda página lida Em toda página em branco Pedra papel sangue ou cinza Escrevo teu nome

Nos refúgios destruídos Nos faróis desmoronados Nas paredes de meu tédio Escrevo teu nome

Nas ausências sem desejo Na solidão tôda nua Nesta marcha para a morte Escrevo teu nome

Na saude que retorna No perigo que passou Nas esperanças sem eco Escrevo teu nome

E ao poder de uma palavra Reconheço a minha vida Nasci para conhecer-te e chamar-te

Liberdade





Nesta seção do jornal procuramos abordar aspectos da participação estudantil na vida política do país, ao longo dos tempos.

O início da década de 60 marcou um importante avancò na participação dos estudantes na vida nacional. Até então os estudantes, embora tendo uma atuação constante na defesa de causas progressistas, pecavam pela falta de uma visão clara e consequente da realidade brasileira e do papel da própria universidade dentro desta realidade. O resultado é que as lutas eclodiam em função de objetivos imediatos, e depois se esvaiani, carentes de qualquer objetivo mais amplo, a longo prazo.

A partir de 1960 os estudantes começam a clarear seus conceitos e a consolidar um posicionamento no sentido de se unir a todos os setores do povo brasileiro, engajando-se na luta por transformações profundas no país. Ao mesmo tempo tem início um processo de questionamento da Universidade, identificada como um instrumento das classes interessadas na manutenção da injusta ordem social vigente.

POR UMA UNIVERSIDADE DEMOCRATICA

"A Universidade é um privilégio. Dentro do processo discriminatório do ensino brasileiro, a Universidade se situa no seu topo." A afirmação faz parte do documento conhecido como "De claração da Bahia", resultante do 1.0 Seminário Nacional de Reforma Universitária, promovido pela UNE em maio de 1960, em Salvador.

A partir deste seminário, os estudantes passam a enfatizar a necessidade imperiosa de uma Reforma Universitária, que coloque a Universidade a serviço do povo brasileiro como um todo e como parte do seu processo revolucionário de transformação so-

Todos os pontos da Reforma Universitária proposta pelos estudantes tinham, como eixo básico, a democratização do ensino universitário, que deveria se tornar acessível a toda a população e voltar-se para a defesa de seus

A atuação prática decorrente desta análise começou a se aprofundar em 1961, a partir da

eleição do líder universitário católico Aldo Arantes para a presidência da UNE. Iniciou-se ai a fase conhecida como "ascensão católica na UNE", caracterizada pelo predominio das posições da recem formada Ação Popular, que surgiu de uma dissenção entre a JUC (Juventude Universitária Católica) e a hierarquia religiosa.

Em agosto de 1961, a UNE teve ativa participação na Canapanha da Legalidade, liderada por Leonel Brizola (então governador do Rio Grande do Sul). Esta campanha, que empolgou todo o país, veio garantir a posse - contestada por setores militares e conservadores - do vicepresidente João Goulart. Era o começo de um período de forte ebulição social, só contida em abril de 1964 — ainda assim, não pela remoção de suas causas, mas, artificialmente, pela intervenção policial-militar.

Quanto à Reforma Universitária, a análise estudantil teve um aprofundamento com o 2.0 Seminário Nacional, realizado em março de 1962, em Curitiba, que veio suprir a maior lacuna deixada pelo de Salvador: a falta de uma perspectiva tática para a transformação da Universidade. Os problemas já estavam apontados: o que faltava era um caminho concreto para resolvê-los.

Na "Carta do Paraná", documento tirado no 2.0 Seminário, a questão da Reforma Universitária é incluída entre as chamadas "reformas de base", cuja discussão aflorava para o primeiro plano da vida do país com o governo Goulart. Assim, além da luta contra seus principais inimigos — o imperialismo e o latifúndio - caberia ao povo ingressar na luta por uma Universidade a quai jamais tivera acesso. A GREVE DO UM TERÇO

A ação concreta dos estudantes pela Reforma Universitária se iniciou ainda na gestão de Aldo Arantes, mediante a exi gência de participação, com direito a voto, nos órgãos colegiados da Universidade: Congregacão. Conselho Universitário e Conselhos Técnicos. Essa participação, conforme decisão do Seminário de Curitiba, era reinvindicada na base de um terço.

Visando conquistar esta re-

1960-64: avanço no movimento

presentação, a UNE desencadeou uma campanha de propaganda em todo o país, percorrido pelas c a r a v a n a s denominadas de "UNE-Volante", que utilizavam. inclusive, encenações teatrais.

Foi fixada uma data limite — o dia 1 o de junho de 1962 para o atendimento da reivindicação. Esgotado o prazo, sem que se obtivesse o um terço de particiapação, a UNE decretou uma greve nacional, de amplitude inusitada até então, pois chegou, a certa altura, a paralisar a maior parte das 40 universidades brasileiras, além de ser pontilhada por manifestações públicas, entre elas a ocupação, pelos universitários do Rio, do Ministério da Educação, de onde só foram desalejados com a intervenção da Política do Exército.

A greve durou cerca de um mês. Em julho, período de férias, foi eleito o sucessor de Aldo A r a n t e s: Vinícius Caldeira Brandt, outro líder universitário católico. Registrava-se, simultaneamente, o agravamento da crise política nacional. Haviam claros indícios de que velhos grupos golpistas, ligados a interesses antinacionais, tentavam se aproveitar do movimento estudantil. utilizando-o como pretexto para suas manobras reacionárias contra o governo. A constatação deste perigo e o desgaste que o desdobramento da greve acarretava para a liderança estudantil, induziram a UNE a um recuo, concretizado no Conselho Extraordinário que, em agosto, suspendeu o movimento.

Embora sem alcançar seus objetivos iniciais, a greve do um terço não pode ser considerada um fracasso total, pois contribuiu, sem dúvida, para aumentar a consciência política dos estudantes e para sensibilizar a opinião pública em torno dos problemas da Universidade no Bra-

O FIM DE UMA ÉPOCA

A próxima diretoria da UNE, presidida por José Serra, viu coincidir sua gestão com um dos períodos mais agitados, social e politicamente, da História do Brasil, durante o qual os acontecimentos se sucediam com uma rapidez que exigia respostas igualmente prontas e nem sempre muito elaboradas. Não havia muito tempo para análises e autocríticas minuciosas. A hora era de ação.

E, apesar das divergências que cindiam em inúmeras facções os estudantes da época, esta ação se dava com uma intensidade inusitada, através das iniciativas promovidas pela UNE, especialmente no que tange à politização estudantil.

Os estudantes, efetivamente, tomavam consciência da realidade nacional e se aproximavam do povo, ao participar, por exemplo, com destaque, da campanha nacional de alfabetização de adultos, conforme o método do professor pernambucano Paulo Freire, ou em campanhas sanitárias de erradicação de doenças no campo. Tais campanhas propiciavam contatos mais estreitos entre os universitários e as populações rurais: o estudante via, afinal, o camponés de que tante falava e ouvia falar nos comí-

Fundado em 1961, o CPC da urbanos, o Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE levava às favelas e subúrbios um teatro de esclarecimento, protesto e denúncia — no qual a juventude descobria uma nova trincheira.

Fundada em 1961, o CPC da UNE só começou a funcionar realmente, na parte final da gestão de Aldo Arantes. Através da UNE - Volante, o CPC levou sua mensagem cultural a todas as capitais do país, onde plantou, assim, as sementes dos CPCs estaduais. A partir do CPC, iniciouse utodo um movimento de renovação cultural que estendeu sua influência até os dias de hoje.

O processo de radicalização da luta política já ia atingindo, em inícios de 1964, seu ponto mais agudo. Dia 13 de marco, se realizava no Rio de Janeiro comício-monstro pelas reformas de base, que contava entre seus organizadores, com a UNE, UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundários) e dezenas de entidades estudantis. Lá se encontravam, lado a lado com as representações operárias e sindicais, entre às 200 mil pessoas que se comprimiam defronte à Estação D. Pedro II, delegações estudantis de todos os Estados.

Naquele comicio, em que José Serra fôra um dos oradores, o presidente João Goulart anunciou dois decretos da maior importancia: um dando início às desapropriações de terras para a concretização da reforma agrária outro encampando as refinarias particulares de petróleo.

As forças conservadoras, atacadas num ponto vital, não tardaram a reagir, iniciando a campanha que culminaria com o gotpe militar de 1.0 de Abril.

O golpe, no qual, ingenua-te, poucos acreditavam, encontrou os esudantes a pedirem, em vão, armas ao governo para a resistência, principalmente nas Faculdades Nacionais de Direito e Filosofia. Como as armas não viessem, a juventude acorreu às ruas, em 1.0 de Abril, participando de manifestações antigolpistas, como na Cinelândia, no Rio Esta manifestação foi, de imediato, dissolvida a tiros pelos sol-

No mesmo dia era depreda da e incendiada a sede da UNE o prédio arrebatado 20 anos antes aos nazistas — e seu prestdente, José Serra, teve que pedir asilo à Embaixada do Chile, para escapar à repressão desencadesda contra toda a liderança estudantil.

E a UNE, que a nova ordem pretenden haver dissolvido, for obrigada, daí em diante, a cumprir o duro estágio da clandestinidade, onde ficou até ser extinta, por volta de 1969. Mas, temos certeza, não para sempre.